

Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque



PROJETO DE Lei N.º 11/2006-L

DATA DA ENTRADA: 02/05/2006

AUTOR: Etelino Nogueira

ASSUNTO: Dá denominação às ruas públicas localizadas na Vila Doraz Penteado, Distrito de Matosqui.

APROVADO EM: _____

Aprovado por unanimidade

REJEITADO EM: _____

Em 06/06/2006

ARQUIVADO EM: _____

José Antonio do Barros
(2º Denúncia)
2º Secretário

RETIRADO EM: _____

Leitura no Expediente da
16 - Sessão Ordinária

[Assinatura]
Secretário
23/05/06

OBS.: maioria simples, única discussão e votação,
votação simbólica CP: CJR e SECLT



Anita Catarina Malfatti 1889-1964

Uma infância difícil

Estamos em Roma. A mulher, de meia idade, entra no consultório do hospital, levando ao colo sua filha de apenas três anos de idade, com o braço enfaixado e posto numa tipóia.

A mãe falava fluentemente o italiano, ainda que com um sotaque puxado para o inglês e, de sua conversa com o médico, ficamos sabendo que a menina se submetera a uma operação, na tentativa de corrigir um defeito congênito que lhe limitava os movimentos do braço e da mão, no lado direito.

Como esta era a última consulta, pois mãe e filha regressariam, em seguida, ao Brasil, de onde vieram para a cirurgia, o médico achou melhor expor o caso com toda a franqueza. O braço da menina não adquiriu os movimentos naturais, como se esperava, e assim o caso era irreversível, pelo que, achava conveniente que ela fosse treinada, desde logo, a valer-se da mão esquerda para todas as atividades.

Foi assim que a pequena Anita, destra por nascimento, tornou-se canhota pela necessidade, após intenso treinamento, que a ajudou a superar as dificuldades dessa condição.

Uma adolescente atribulada

Anita Malfatti nasceu em São Paulo em 2 de dezembro 1889. Não tinha um berço de ouro, mas também não passava por dificuldades. Seu pai, o italiano Samuel Malfatti, era engenheiro. Sua mãe, dona Elisabete, de nacionalidade americana, era pintora, desenhista, falava vários idiomas e tinha uma sólida cultura, cuidando pessoalmente da educação da filha.

Bem estruturada, Anita não encontrou maiores dificuldades em passar pelo exame de seleção do Mackenzie College, onde fez a Escola Normal e se formou professora, aos 19 anos.

Foi então que o destino lhe armou mais uma tragédia. Nem bem se formara e morreu o pai, a quem tinha forte apego, e que era o arrimo da família.

A partir de então, a mãe passou a dar aulas de idiomas e de pintura, enquanto que, para complementar o orçamento doméstico, Anita começou também a trabalhar como professora.



Um socorro oportuno

O talento para a pintura, revelado pela moça, sensibilizou o tio e o padrinho. Juntos e, embora com sacrifício, conseguiram reunir uma soma em dinheiro, patrocinando a ela uma viagem de estudos à Alemanha.

Em setembro de 1910, Anita chegou a Berlim, com o período escolar em andamento, o que impossibilitava inscrever-se numa escola regular, pelo que, passou a tomar aulas particulares no ateliê de Fritz Burger. Já no início do ano seguinte, pôde matricular-se na Academia Real de Belas-Artes.

O mundo para ela era aquilo, até que, visitando uma exposição da Sounderbund (grupo de pesquisa), tomou contato com a arte dos rebeldes, desligados do academicismo ensinado nas escolas. Fascinada, aproximou-se do grupo e passou a ter aulas, primeiro com Lovis Corinth e depois com Bischoff-Culm, aprendendo pintura livre e a técnica da gravura em metal.

Nos Estados Unidos, a liberdade

Regressou ao Brasil em 1914 para, logo em seguida, viajar para os Estados Unidos, terra natal de sua mãe. Matriculou-se na Art Students League, uma associação desvinculada das academias, e, sob a orientação de Homer Boss, teve a liberdade de pintar o que desejasse, com toda a força própria de criação, sem quaisquer limitações estéticas.

Foi esse período que marcou a fase mais brilhante de sua criação, no qual Anita pintou *O homem amarelo*, *Mulher de Cabelos Verdes*, *O Japonês*, e vários outros quadros.

Foi a consagração de sua arte, no meio de insignes mestres e diante de um público capaz de interpretar a beleza e as emoções contidas em suas obras.

Anita estava preparada para voltar ao Brasil. Será que o Brasil estava preparado para recebê-la?

A exposição de 1917

Em 1916, com 27 anos, a pintora estava de volta ao Brasil, adulta e madura, sentindo-se suficientemente segura para expor sua nova concepção de arte, voltada para o Expressionismo.

Fiando-se nos comentários favoráveis de amigos e, particularmente, do crítico Nestor Rangel Pestana, assim como nas palavras de incentivo de modernistas como Di Cavalcanti e outros, Anita não hesitou em alocar um espaço nas dependências do *Mappin Stores*, na rua Líbero Badaró, onde, em 12 de dezembro de 1917, realizou uma única apresentação de seus trabalhos.

Ninguém, nem mesmo o mais experiente freqüentador do mercado de arte, poderia prever o tiroteio que seria disparado contra a jovem pintora, vindo, não das hostes



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



inimigas, mas das trincheiras amigas, justamente das mãos de um renovador, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948).

Não viu e não gostou

Lobato fora, desde o início de sua carreira, um pré-modernista. Irritado com os padrões oficiais de educação e cultura, desvinculou-se das normas padronizadas da literatura, criando um estilo livre, avançado, valorizando a cultura nacional e discutindo temas voltados internamente para os problemas brasileiros.

Ao contrário do que se imagina, Monteiro Lobato sequer foi à exposição de Anita Malfatti. Não viu nada e não gostou do que não viu.

Mas, em artigo virulento, publicado no jornal «O Estado de São Paulo», depois de criticar as extravagâncias de «Picasso & Cia.», o escritor assestou as baterias contra Anita, esperando que as balas ricochetassem, atingindo seu alvo principal, que eram modernistas, companheiros da pintora.

Foi uma reação inesperada, que espantou até os que conheciam o destemperado do escritor, e inexplicável, pois sua editora, havia pouco tempo, publicara um livro do modernista Oswald de Andrade, cuja capa fora desenhada justamente por Anita Malfatti.

Paranóia ou mistificação

Usando como título: «Paranóia ou mistificação – A propósito da exposição Malfatti,», Lobato ataca as «*escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos de cultura excessiva... produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência*» e, depois, explica o título de sua catilinária:

«Embora se dêem como novos, como precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu como paranóia e mistificação.

«De há muito que a estudam os psiquiatras, em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que, nos manicômios, essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses;

«e fora deles, nas exposições públicas zabumbadas pela imprensa partidária mas não absorvidas pelo público que compra, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura.»

Abalo e desorientação

Nem as palavras mais afáveis, ou menos agressivas, despejadas ao final do artigo, nem os elogios ao seu talento, colocados no início, poderiam desfazer tamanho estrago sobre a personalidade tímida e irresoluta de Anita, que caiu em forte depressão, vivendo um período de desorientação total e de descrença, um sentimento que carregou pelo resto da vida.

 4



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque 05

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Sua primeira reação foi o abandono total à arte. Depois, passado um ano, dando uma guinada de 180 graus, foi tomar aulas de natureza-morta com o mestre **Pedro Alexandrino Borges** (1856-1942), ocasião em que conheceu Tarsila do Amaral, início de uma longa e proveitosa amizade.

Tarsila foi para a Europa e Anita passou a estudar com outro mestre conservador, **Jorge Fischer Elpons** (1865-1939), também especialista em naturezas-mortas.

Instada por amigos, participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e, no ano seguinte, com uma bolsa de estudos, viajou a Paris, onde se encontrou com Tarsila, Oswald, Brecheret e Di Cavalcanti. De lá voltou, com a confiança recuperada, mas disposta a não se atirar em novas aventuras.

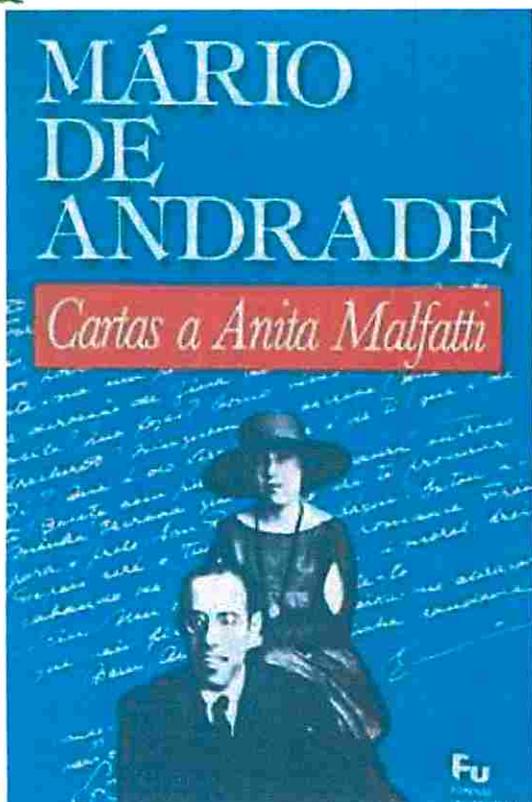
Sua arte, a partir daí, virou uma *salada russa*, logo notada pelos críticos: «A Sra. Malfatti faz o viajante percorrer os séculos e os gêneros. É primitiva, clássica, e moderna avançada, faz retratos e naturezas-mortas.»

Um mundo alienado

A exposição de 1917 se deu em momento errado, no local errado e com a pessoa errada. As críticas de Lobato não se dirigiam a ela, mas aos modernistas, com quem o escritor tinha um ajuste de contas. Anita Malfatti se viu no meio do tiroteio e foi atingida mortalmente pelas balas perdidas.

Considerada por Pietro Maria Bardi como a maior pintora brasileira, ela jamais se recuperou do golpe sofrido. Como diria mais tarde Mário de Andrade: «Ela fraquejou, sua mão, indecisa, se perdeu.»

Já com idade madura, Anita mudou-se, com sua irmã Georgina, para uma chácara em Diadema (SP), onde morreu em 6 de novembro de 1964, alienada do mundo, cuidando do jardim e vivendo seus próprios devaneios. (Paulo Victorino).



MÁRIO DE ANDRADE, O AMOR SECRETO DE ANITA

Contra todos, Anita lutou sozinha tendo a seu lado um único, fiel amigo, confidente, companheiro, defensor e - agora se sabe - sua paixão nem tão secreta assim. A outros amigos Mário se abria e Manuel Bandeira, em carta, alertou:

"O que lhe contaram de Anita não era intriga. Ela está apaixonada por você e esperava que você se definisse."

Mário morreu 19 anos antes de Anita, sem nunca lhe dar essa definição.

As cartas de Anita vinham da Fazenda Costa Pinto, onde passava férias em Piracicaba, de São Paulo mesmo, a bordo do Mosella, que a levou por um período de cinco anos para a Europa, de Paris, Veneza, Lucca, Roma, Mônaco, Lourdes, Florença, Rio de Janeiro e até de Niterói.

As de Mário partiam da Paulicéia, as últimas do Rio: Mário nunca foi à Europa. Escreveu para Anita: "Estou perdendo a esperança de ir na Europa. Aliás, isso não me entristece muito, não, porque franqueza: a não ser ver os amigos não tenho nada que fazer aí."

Do tórrido ao gelo - "Oh! Mário nem uma palavrinha", "Mario Mario", "Meu querido Mario", "Oh! Mario exagerado!", "Mestre Mario", "Mario muito querido" - a abertura

2

6



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



das cartas vai da água cálida ao gelo mortal da última enviada por Anita para Mário de Andrade. Se nas mais tórridas ela se despede "Saudades grandes e pequenas", "Ti voglio bene", "Um grande abraço atrapalhado", "Tua Anitinha", "Nunca me troques por mais ninguém, Amém!", "Adeus poeta tigre", "Gostei do abraço infantil, mando-te um beijinho adolescente", "Da Anita mais querida da tua vida", "Tua pequeníssima Anita", "Tua amiga do coração", "My angel boy".

Na última, de 29 de agosto de 1940, cinco anos antes da morte dele, ela termina:

"Cumprimenta Annita Malfatti".

Anita, afastando-se do destinatário, com dois enes. (Norma Coury)

As cartas não cessaram nem após a morte do poeta

No 10º aniversário da morte de Mário de Andrade, Anita Malfatti escreveu:



«Para Mário de Andrade,
«Caminho do Céu,
«Estrada da Saudade:(...)»

«Eu moro longe de São Paulo, tomo conta do meu jardim, arranco o mato e planto as flores e as árvores, rego quando posso, arrumo a casa e pinto as festinhas do nosso povo, que dão alegria ao coração de gente simples.

«O grandioso e o majestoso, assim como a glória e o mágico sucesso me deixam calada, triste, mas as coisas fáceis de pintar, simples de se compreender, onde mora a ternura e o amor do nosso povo, isso me consola, isto me comove. (...)

«Tenho medo de ter desapontado a você. Quando se espera tanto de um amigo, este fica assustado, pois sabe que nós mesmos, nada podemos fazer e ficamos querendo, querendo ser grandes artistas e tristes de ficarmos aquém da expectativa.

«Procurei todas as técnicas e voltei à simplicidade, diretamente: não sou mais moderna nem antiga, mas escrevo e pinto o que me encanta...»



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



TARSILA DO AMARAL

Tarsila do Amaral nasceu em 1º de setembro de 1886 na Fazenda São Bernardo, município de Capivari, interior do Estado de São Paulo. Filha de José Estanislau do Amaral e Lydia Dias de Aguiar do Amaral. Era neta de José Estanislau do Amaral, cognominado “o milionário” em razão da imensa fortuna que acumulou abrindo fazendas no interior de São Paulo. Seu pai herdou apreciável fortuna e diversas fazendas nas quais Tarsila passou a infância e adolescência.

Estuda em São Paulo no Colégio Sion e completa seus estudos em Barcelona, na Espanha, onde pinta seu primeiro quadro, “Sagrado Coração de Jesus”, aos 16 anos. Casa-se em 1906 com André Teixeira Pinto com quem teve sua única filha, Dulce. Separa-se dele e começa a estudar escultura em 1916 com Zadig e Mantovani em São Paulo. Posteriormente estuda desenho e pintura com Pedro Alexandrino. Em 1920 embarca para a Europa objetivando ingressar na Académie Julian em Paris. Frequenta também o ateliê de Émile Renard. Em 1922 tem uma tela sua admitida no Salão Oficial dos Artistas Franceses. Nesse mesmo ano regressa ao Brasil e se integra com os intelectuais do grupo modernista. Faz parte do “grupo dos cinco” juntamente com Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia. Nessa época começa seu namoro com o escritor Oswald de Andrade. Embora não tenha sido participante da “Semana de 22” integra-se ao Modernismo que surgia no Brasil, visto que na Europa estava fazendo estudos acadêmicos.

Volta à Europa em 1923 e tem contato com os modernistas que lá se encontravam: intelectuais, pintores, músicos e poetas. Estuda com Albert Gleizes e Fernand Léger, grandes mestres cubistas. Mantém estreita amizade com Blaise Cendrars, poeta franco-suíço que visita o Brasil em 1924. Inicia sua pintura “pau-brasil” dotada de cores e temas acentuadamente brasileiros. Em 1926 expõe em Paris, obtendo grande sucesso. Casa-se no mesmo com Oswald de Andrade. Em 1928 pinta o “Abaporu” para dar de presente de aniversário a Oswald que se empolga com a tela e cria o Movimento Antropofágico. É deste período a fase antropofágica da sua pintura. Em 1929 expõe individualmente pela primeira vez no Brasil. Separa-se de Oswald em 1930.

Em 1933 pinta o quadro “Operários” e dá início à pintura social no Brasil. No ano seguinte participa do I Salão Paulista de Belas Artes. Passa a viver com o escritor Luís Martins por quase vinte anos, de meados dos anos 30 a meados dos anos 50. De 1936 à 1952, trabalha como colunista nos Diários Associados.

Nos anos 50 volta ao tema “pau brasil”. Participa em 1951 da I Bienal de São Paulo. Em 1963 tem sala especial na VII Bienal de São Paulo e no ano seguinte participação especial na XXXII Bienal de Veneza. Faleceu em São Paulo no dia 17 de janeiro de 1973.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Oswald de Andrade

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo em 1890. Presenciar a virada do século, aos 10 anos, foi marcante, como relembra o poeta já adulto: "Havíamos dobrado a esquina de um século. Entrávamos em 1900...". São Paulo despertava para a industrialização e a tecnologia. Abria-se um novo mundo urbano, que Oswald logo assimilava fascinado: o bonde elétrico, o rádio, o cinema, a propaganda com sua linguagem-síntese...



Oswald tinha 22 anos quando fez a primeira de várias viagens à Europa (1912), onde entrou em contato com os movimentos de vanguarda. Mas só depois de dez anos empregaria as técnicas desses movimentos. De qualquer forma, divulgou o Futurismo e o Cubismo. O terceiro casamento, com Tarsila do Amaral, em 1926, forjou o casal responsável pelo lançamento da Antropofagia. Mário os chamava de "Tarsiwald"... Com Tarsila voltou à Europa algumas vezes. A crise de 29 abalou as finanças do escritor. Vem a separação de Tarsila e uma nova relação: Patrícia Galvão (Pagu), escritora comunista. Oswald passou a participar de reuniões operárias e ingressou no Partido Comunista. Casou-se mais uma vez, depois de separado de Pagu, até que, já com 54 anos, conheceu Maria Antonieta d'Alkmin. Permaneceram juntos até a morte do poeta, em 1954.

Nenhum outro escritor do Modernismo ficou mais conhecido pelo espírito irreverente e combativo do que Oswald de Andrade. Sua atuação intelectual é considerada fundamental na cultura brasileira do início do século. A obra literária de Oswald apresenta exemplarmente as características do Modernismo da primeira fase.

Em Pau-Brasil, põe em prática as propostas do manifesto do mesmo nome. Na primeira parte do livro, "História do Brasil", Oswald recupera documentos da nossa literatura de informação, dando-lhe um vigor poético surpreendente.

Na segunda parte de Pau-Brasil - "Poemas da colonização" -, o escritor revê alguns momentos de nossa época colonial. O que mais chama a atenção nesses poemas é o poder de síntese do autor. No Pau-Brasil há ainda a descrição da paisagem brasileira, de cenas do cotidiano, além de poemas metalingüísticos.

A poesia de Oswald é precursora de um movimento que vai marcar a cultura brasileira na década de 60: o Concretismo. Suas idéias, recuperadas também na década de 60, reaparecem com roupagem nova no Tropicalismo.

Memórias sentimentais de João Miramar chama a atenção pela linguagem e pela montagem inédita. O romance apresenta uma técnica de composição revolucionária, se comparado aos romances tradicionais: são 163 episódios numerados e intitulados, que constituem capítulos-relâmpago - tudo muito influenciado pela linguagem do cinema - ou, mais precisamente, como se os fragmentos estivessem dispostos num álbum, tal qual fotos que mantêm relação entre si. Cada episódio narra, com ironia e humor, um

5

9



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



vida de Miramar. "Recorte, colagem, montagem", resume o crítico Décio Pignatari.

O material narrativo segue esta ordem: infância de Miramar, adolescência e viagem à Europa a bordo do navio Marta; regresso ao Brasil, motivado pela morte da mãe; casamento com Célia, e um romance paralelo com a atriz Rocambola; nascimento da filha; divórcio e morte de Célia; falência de Miramar.

Em 1937 publicou-se O rei da vela, peça que focaliza a sociedade brasileira dos anos 30. Pelo seu caráter pouco convencional, só foi levada a cena trinta anos depois, integrando o movimento tropicalista.

Obra

Poesia: Pau-Brasil (1925); Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (1927); Cântico dos cânticos para flauta e violão (1945); O escaravelho de ouro (1945).

Romance: Os condenados (trilogia) (1922-34); Memórias sentimentais de João Miramar (1924); Serafim Ponte Grande (1933); Marco Zero - a revolução melancólica (1943).

Teatro: O homem e o cavalo (1934); A mona (1937); O rei da vela (1933).

Além disso, publicou os manifestos que já conhecemos: Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924); Manifesto Antropófago (1928). Escreveu ainda artigos e ensaios.

CANTO DE REGRESSO À PÁTRIA

OSWALD DE ANDRADE

MINHA TERRA TEM PALMARES
ONDE GORJEIA O MAR
OS PÁSSAROS DAQUI
NÃO CANTAM COMO OS DE LÁ

MINHA TERRA TEM MAIS ROSAS
E QUASE QUE MAIS AMORES
MINHA TERRA TEM MAIS OURO
MINHA TERRA TEM MAIS TERRA

OURO TERRA AMOR E ROSAS
EU QUERO TUDO DE LÁ
NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA
SEM QUE VOLTE PARA LÁ
NÃO PERMITA DEUS QUE EU MORRA
SEM QUE VOLTE PARA SÃO PAULO
SEM QUE VEJA A RUA 15
E O PROGRESSO DE SÃO PAULO



CAIO PRADO JÚNIOR: UMA POSSÍVEL ANÁLISE

Gláucia Rodrigues Castelani
glauciacastelani@hotmail.com

Depto. de História-USP

Luiz Fernando B. Belatto

historiador007@hotmail.com

Depto. de História - USP, Fac. Jornalismo - PUC/SP

Download: [caio Prado.doc](#), 93KB

Introdução

Nosso objetivo, neste pequeno ensaio, é apresentar ao leitor a vida e obra de um dos maiores historiadores brasileiros, inovador em seu entendimento da História e que, até hoje, influencia gerações de pensadores de diversas áreas do conhecimento no Brasil: Caio Prado Júnior. Primeiro intelectual a utilizar as teorias marxistas no estudo da História Colonial do Brasil, procuraremos neste texto, destacadamente, analisar como essa visão está presente no seu principal livro, *Formação do Brasil Contemporâneo*, e dentro deste no texto introdutório *Sentido da Colonização*. Esperamos que o leitor possa desfrutar deste trabalho que aqui introduzimos e que, a partir dele, tenha interesse em conhecer a obra desse historiador, um dos responsáveis pela renovação da historiografia e Ciências Humanas brasileiras nos anos 30.

Biografia de Caio Prado Júnior

Caio Prado Júnior nasceu na cidade de São Paulo em 11 de fevereiro de 1907. Pertencia à aristocrática família Prado, de certa tradição na sociedade paulista, dona de riquezas e importante participação na economia local. Assim, Caio Prado sempre pôde levar uma vida de conforto; estudou no Colégio São Luís, realizando depois um ano de estudos secundários no Colégio Chelmsford Hall, em Eastborn (Inglaterra). Voltou para o Brasil para estudar Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde formou-se em 1928.



Desde sua juventude teve importante participação na conjuntura política nacional; de tendência políticas contrárias ao velho Partido Republicano Paulista, que representava os interesses dos fazendeiros de café, que dominavam desde a proclamação de República o cenário político nacional. Como oposição a essa corrente, formou-se em 1926, o Partido Democrático, que reuniu os adversários do Partido Republicano Paulista. O jovem Caio Prado inscreveu-se nele logo no ano de sua fundação, e nele atuou intensamente; foi essa sua primeira experiência política. Participou da Aliança Liberal que apoiou Getúlio Vargas



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



em sua candidatura à presidência da República em 1930, a qual somente chegou ao poder por meio de uma revolução no mesmo ano. Desiludido com o plano político do Partido Democrático e do novo governo, em 1931 tornou-se membro do Partido Comunista (o que marcaria sua carreira política daí por diante) e passou a trabalhar para a formação e organização de suas bases políticas junto ao proletariado. Teve participação também na Intentona Comunista de 1935, sendo preso com a derrota desta e solto dois anos depois. Em 1937 vai para o exterior, exilando-se na França. Época essa do auge do nazi-facismo na Europa e da ascensão do franquismo na Espanha, com a Alemanha e Itália intervindo abertamente na Guerra Civil Espanhola. Nesta, Caio vai para a fronteira auxiliando os emigrados espanhóis a fugir do território através de uma organização montada pelo Partido Comunista Francês. Retorna ao Brasil em 1939.

Mantendo-se ativo na militância comunista (ainda que restrita) elege-se deputado estadual por São Paulo em 1947, mas foi cassado no ano seguinte quando o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade. Homem de negócios, fundou a Editora Brasiliense e a Gráfica Urupês. À primeira, fundada com Monteiro Lobato, em 1944. Pela editora publicou de 1955 a 1964 a Revista Brasiliense, editada por vários intelectuais.



**CAIO PRADO (AO CENTRO), COM
FLORESTAN FERNANDES (À SUA DIREITA)
DURANTE O MOVIMENTO DIRETAS JÁ**

Caio candidatou-se à cátedra de Economia Política na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – embora conhecesse bem o conservadorismo do local, pois lá estudara e se formara –, escrevendo uma tese intitulada Diretrizes para uma Política Econômica Brasileira. Sabia que não seria aprovado em função de suas posições socialistas, opostas demais a uma instituição tão conservadora. Deram-lhe o título de livre docente (1954), que lhe foi cassado mais tarde, em 1968. Mesmo assim, quando vagou a cadeira de História do Brasil na Faculdade de Filosofia, com a aposentadoria do seu titular, Sérgio Buarque de Holanda, candidatou-se novamente com o trabalho História e Desenvolvimento. O concurso não aconteceu, entretanto, devido ao Golpe Militar de 1964.

Caio Prado Júnior sempre dizia não saber história, no sentido de ignorar uma quantidade de datas e esquecer outras, se embulhar nas dinastias e dar pouca importância às batalhas e



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



detalhes. O que lhe interessava é a vida diária, a produção, o movimento dos negócios, as técnicas de plantio, os costumes, o mecanismo de transmissão da propriedade, etc.

A curiosidade intelectual foi um traço inesgotável e essencial de sua personalidade, nunca manifestando desconforto ou preguiça ao enfrentar as precárias estradas e hotéis existentes no Brasil. Queria saber a verdade, conhecer de perto as relações de trabalho e de produção em cada recanto do país: defendia uma reforma agrária planejada, com o conhecimento das situações regionais. Motivava-o, basicamente, uma profunda perplexidade diante das desigualdades sociais. Em suas viagens pelos países industrializados, comparava a qualidade de vida, o nível cultural do camponês ou do operário de lá com o daqui, lamentando as desigualdades de nossas estruturas sócio - políticas que ainda mantinham e mantêm padrões de vida deploráveis para a maioria da população.

Quando tinha cerca de 18 anos e retornava de uma viagem que fizera sozinho ao Oriente Médio, desejou então conhecer o Brasil, viajando pelos estados interioranos. A visão que teve marcou-o profundamente. Assombrou-se com a miséria e subdesenvolvimento discrepante dos países considerados modelos do capitalismo industrial. Ao mesmo tempo, observou a diversidade regional deste país. Sobre tal experiência, acrescentou: “Eu era na realidade um burguês rico, de educação e visão européia, acostumado ao conforto material. Ignorava até então a nossa realidade”. Costumava dizer que naquele instante despertou-se para os problemas brasileiros e daí para os porquês daquilo e para suas soluções. A partir de então, começou o seu engajamento e o seu estudo sistemático do Brasil, adotando uma postura receptiva constante. Passou a trabalhar com o presente e o passado, em vista do futuro, perseguindo para sempre tais atividades.

Em 1934, Caio “descobriu” a geografia e sua utilidade, mérito que sempre atribuiu a Pierre Deffontaines, geógrafo francês que viera lecionar a matéria na recém inaugurada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Com o professor, viajou diversas vezes pelo Estado de São Paulo e participou da fundação da Associação dos Geógrafos do Brasil, a qual promovia encontros anuais dos especialistas e estudos regionais conjuntos. Dessa forma a geografia tornou-se seu instrumento de trabalho para o conhecimento do país e para a elaboração da própria História, produzindo importantes estudos na disciplina.

Considerava suas prisões como oportunidades que a vida lhe proporcionou para aprendizagem, inclusive no sentido didático. Por ocasião de uma delas, aproveitou para tomar aulas de matemática, transmitiu seus conhecimentos aos companheiros e alfabetizou um operário. E como pensador Caio Prado Júnior destaca-se como um dos principais representantes da utilização do marxismo no estudo da História e teoria política brasileiras. Sua obra abrange os campos da História, Geografia, Sociologia, Economia, Política e Filosofia.

Ela é composta pelos seguintes livros: *Evolução Política do Brasil* (1933); *URSS: Um novo mundo* (1934); *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), que é considerada sua principal obra, um clássico ensaio sobre a História Brasileira; *História Econômica do Brasil* (1945);

R



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Dialética do Conhecimento (1952); Diretrizes para uma Política Econômica (1954); Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica (1957); Introdução à Lógica Dialética (1959); O Mundo do Socialismo (1962); A Revolução Brasileira (1966), pelo qual recebe o título de Intelectual do Ano, sendo agraciado com o prêmio Juca Pato; História e Desenvolvimento (1968); O Estruturalismo de Lévi-Strauss - O Marxismo de Louis Althusser (1971); A Questão Agrária no Brasil (1979) e A Cidade de São Paulo (1983).

Caio Prado Júnior morreu em 1990 devido a complicações de saúde conseqüentes de um aneurisma na artéria aorta.



Renato Vianna

Filho de José Gonçalves Vieira Vianna e de dona Adelina de Mendonça Fleury, Renato Vianna nasceu no Rio de Janeiro, a 31 de março de 1894. Aos nove anos de idade passa a viver em São Luis do Maranhão, para onde a família mudara.

Em 1908, seu pai suicidou-se numa sala do escritório em que trabalhava. Abandonava a vida por falta de perspectiva econômica, estando a família em situação de muita pobreza, confessou em cartas deixadas ao patrão e à esposa.

Essa tragédia o marcou profundamente e, de certo modo, filtra por ela o seu pessimismo melodramático. Passam por essa experiência amarga, também, as posturas críticas contra a oligarquia encastelada no poder e a classe dominante. Posturas que o tornariam jornalista combativo, advogado dos pequenos agricultores e permeariam toda sua obra dramática.



TEÓFILO CORDEIRO E FAMÍLIA (c.1942). O GRUPO DE PESSOAS SENTADAS: TEÓFILO, DONA ELITA, MARIA CAETANA (À FRENTE), RENATO VIANNA E A MÃE DE DONA ELITA.

Arrimo da família aos 14 anos, Renato trabalhou com advogados (depois, como rábula, foi autorizado pela OAB a exercer a advocacia) e tornou-se jornalista. Como jornalista viveu em Manaus, onde aos 16 anos teve um texto, A Prova, representado pelos atores portugueses Adelina Nobre e Alves da Silva. Mais tarde, transferindo-se para Fortaleza, continuando no jornalismo, abriu a primeira banca de advocacia.

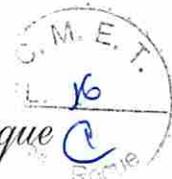
Em 1915 casou com dona Elita, filha do vereador Teófilo Cordeiro (que posteriormente se filiará ao Partido Comunista) e irmã do futuro general Cordeiro, ligado a Juarez Távora. Ano seguinte nasceu o primeiro filho do casal, Rui.

Até pela aliança com filha de família bastante politizada, todas as indicações eram no sentido de que Renato Vianna entraria para a carreira política. Em 1917 achava-se em Minas Gerais, na condição de secretário pessoal de Antônio Carlos Ribeiro de Andrade,



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, escrevendo os discursos do famoso político que, nesse mesmo ano, assumia o Ministério da Fazenda.

Nomeado por Antônio Carlos a um cargo na Casa da Moeda, em 1918 Renato transfere-se com a família para o Rio de Janeiro. Logo seu nome começa a circular nos meios artísticos e a Companhia Dramática Nacional, de Gomes Cardim e Itália Fausta, monta sua peça Na Voragem. Nos dois anos seguintes (19/20) a mesma companhia encenou seus textos Salomé e Os Fantmas. Heitor Villa-Lobos, em 1919, transformou Salomé na ópera Zoé. E, em 1920, Leopoldo Fróes monta sua comédia Luciano, o Encantador.

O prestígio de Renato Vianna, como dramaturgo, estava já consolidado: tinha peças encenadas pela maior atriz e pelo maior ator brasileiros da época e um texto transformado em libreto de ópera por polêmico e conceituadíssimo compositor. Muitos, no entanto, se incomodavam com as pregações de Renato Vianna sobre o "novo teatro". Eram idéias que ele desenvolvia a partir de informações sobre a renovação cênica na Rússia (Komisarjévski, Stanislavski, Meyerhold) e na França (Antoine, Lugné Poe, Jacques Coupeau).



RENATO E ELITA, RIO, 1918.

Absolutamente envolvido pela atmosfera pré-modernista, que tomou força desde o fim da guerra, Renato propunha a renovação dos velhos códigos teatrais e a instauração de novos processos e conceitos cênicos como meios para se chegar a uma "expressão brasileira" em cena.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Em 1921, tendo sido exonerado do cargo na Casa da Moeda, voltou com a família para Fortaleza. Lá escreveu *A Última Encarnação do Fausto*, trabalhou em jornais, fêz campanha política com seu sogro junto da classe operária e elaborou o plano para a criação da Cia. Batalha da Quimera. Dividindo seu tempo entre Fortaleza e Recife, conheceu na capital pernambucana o jovem crítico Samuel Campello que, empolgado com as idéias de Renato Vianna viria a criar, anos depois, o Grupo Gente Nossa, dando início a um movimento teatral histórico no Nordeste brasileiro. Também em Recife, no Teatro do Parque, fez leitura pública de *A Última Encarnação do Fausto*.

Pela metade de 1922, com a família aumentada, pois nascera Maria Antonieta, voltou ao Rio de Janeiro e começou logo as articulações para a criação da Batalha da Quimera e encenação de *A Última Encarnação do Fausto*. Seus parceiros nessa empresa eram o compositor Villa-Lobos e o poeta Ronald de Carvalho, ambos participantes da Semana de Arte Moderna.



VIRIATO CORREA A RENATO VIANA (c.1921)

O fracasso do espetáculo, que só ficou três dias em cartaz, causou a primeira de uma série de falências que o teatro lhe propiciaria. Em 1924, no entanto, estava ele em São Paulo tentando aprimorar o sistema que pretendeu estabelecer na Quimera com nova empresa, a Colméia. Em 1928, junto de Roberto Rodrigues (irmão do futuro dramaturgo Nelson Rodrigues) e de Paschoal Carlos Magno, fundou o Teatro da Caverna Mágica, que dividiu o Cassino do Passeio Público com o Teatro de Brinquedo, de Álvaro Moreyra e sua esposa, Eugênia.

O fracasso da Caverna Mágica fez com que Renato voltasse com a família para Fortaleza e para a advocacia e, depois, o jornalismo. Pretendia no trabalho jornalístico participar dos movimentos em curso, que desembocariam na Revolução de 30. E sua permanência, como diretor ou editor em vários



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



jornais de Fortaleza e de Manaus, foi pontilhada de artigos vigorosos e de grandes desentendimentos com os proprietários dos jornais.

Ao assumir o governo provisório do Estado do Ceará, em 1930, Fernandes Távora nomeou Renato Vianna secretário de governo. Mas a proximidade do Poder não diminuiu a rebeldia do dramaturgo. Quando Fernandes Távora reabriu a Câmara dos Deputados, fechada pelo movimento revolucionário, Renato pediu exoneração, pois não concordava com o ato. Afinal, foi pela moralização da vida pública que se fez a Revolução e aqueles deputados foram eleitos de maneira notoriamente corrupta. A pedido do sogro, voltou atrás da decisão, sob o argumento de que seu pedido de exoneração, quando o movimento revolucionário tentava ainda tirar Washington Luis da presidência da República, poderia enfraquecer e desacreditar a Revolução. Mas, logo após a queda de Washington Luis e a ocupação do Catete por Getúlio Vargas, Renato abandonou o cargo de secretário para fundar o jornal Pátria Nova, onde não poupava críticas ao governo de Fernandes Távora nem elogios à Revolução. O jornal foi um grande sucesso, mas Renato acabou por abandonar a direção do mesmo, atendendo ao sogro, que novamente lhe solicitava menos rigor nas críticas ao governo.

Voltando ao Rio de Janeiro, teve encenadas as suas peças A Última Conquista, por Procópio Ferreira, e Divino Perfume, pela Companhia Jayme Costa. Seu prestígio enquanto dramaturgo animava-o a nova tentativa no campo da encenação, fundando desta vez o Teatro de Arte, que teve o mesmo destino das empresas anteriores. Em consequência da nova derrocada, outra temporada em Fortaleza. Mas, desta vez, Renato trabalhou com afincado um novo projeto: Teatro-Escola.



PROCÓPIO E RENATO VIANNA

Pretendia instalar o Teatro-Escola, companhia estável e também escola dramática, no Teatro José de Alencar. Mas, as dificuldades do projeto, que se pretendia de alcance nacional, eram muito grandes em Fortaleza, tão distante do centro do Poder. Assim, retorna ao Rio de Janeiro firmemente decidido a buscar apoio para a criação do Teatro-Escola. Depois de um ano de batalhas,



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



conseguiu o apoio oficial do Estado - oferecido pessoalmente por Getúlio Vargas --, o que tornava o Teatro-Escola uma "experiência oficial".



RENATO VIANNA COMO DR. CALASANS, EM SEXO.

O elenco contava com três dos principais nomes do teatro da época - Itália Fausta, Jayme Costa e Olga Navarro --, profissionais de grande prestígio, como Cândido Nazareth e sua filha Luisa Nazareth, e alguns atores de pouca ou nenhuma experiência, como Rodolfo Meyer e as filhas de Luisa, Lourdes (mais tarde Lourdes Meyer) e Zilca (mais tarde Zilca Sallysbury). Elenco composto por profissionais veteranos, emergentes ou absolutamente desconhecidos, impunha respeito.

A peça escolhida para a estréia do Teatro-Escola, em 1934, causou de imediato grandes polêmicas. *Sexo*, supostamente escrita por um médico muito conhecido, mas que se ocultava sob pseudônimo Dr. Calasans, todos sabiam ser obra de Renato Vianna. Houve passeatas de protesto contra a peça, que seria ofensiva à família, e até protestos no Congresso Nacional, cobrando do presidente da República justificativas para o fato de estar subvencionando peça ofensiva à família, à moral e aos bons costumes. Sabe-se que o presidente foi ao teatro ver o espetáculo. Sua resposta aos ataques veio alguns dias depois, quando a primeira-dama, Dona Darcy Vargas, e sua filha foram ao teatro ver *Sexo*.

Todo o repertório apresentado na primeira temporada do Teatro-Escola obteve expressivo êxito de público e de crítica. Alguns achavam estranho aqueles espetáculos em que se apagavam as luzes em áreas do palco para ressaltar outras, com os grandes silêncios, as grandes pausas em cena. Mas todos se deixavam envolver pela beleza do conjunto e pelo primor dos intérpretes.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



É que, embora ainda não se conhecesse o conceito no Brasil, Renato surgia como nosso primeiro encenador, diretor de teatro no sentido moderno do ofício, que dá unidade de pensamento ao espetáculo, onde as coisas são interdependentes e em permanente interação.

Estranhava-se também o rígido sistema disciplinar instaurado pelo diretor, que não permitia conversas paralelas durante os ensaios, nem atrasos de atores e técnicos, nem falta de respeito aos colegas; obrigava a todos permanecerem atentos ao trabalho, em silêncio, mesmo quem não participasse da cena. Coisas completamente estranhas no teatro vigente, onde a indisciplina era quase que a regra e o estudo do texto nenhum.



RENATO VIANNA EM DEUS.

Talvez isso tudo tenha contribuído para a revolta das principais figuras do elenco (Itália Fausta, Jayme Costa, Olga Navarro) que, alegando não ter Renato dividido supostos lucros do Teatro-Escola com o elenco, como era do estatuto da empresa, abriram processos contra ele e uma grande campanha difamatória.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



MARIA CAETANA.

A segunda temporada do Teatro-Escola, já minado pelos processos judiciais e pela campanha difamatória ao seu diretor, foi aberta pela peça Deus, que provocou grandes manifestações de protesto, agora de estudantes, na Avenida Rio Branco, junto do Teatro Municipal, que abrigava a companhia.

O cerco foi tão cerrado que obrigou o cancelamento da temporada e a transferência do Teatro-Escola para São Paulo. Na capital paulista, Renato e seu elenco receberam todo tipo de homenagens. O jovem Paulo Emílio Salles Gomes preparava muitas dessas homenagens a Renato, que Paulo Emílio chamava de "modernista". Um abaixo-assinado de artistas e intelectuais paulistas - entre eles Paulo Emílio e Flávio de Carvalho - foi enviado ao ministro Capanema e ao presidente da República, em desagravo a Renato pela campanha difamatória de que era vítima no Rio.

De volta à Capital Federal, o Teatro-Escola fez outra temporada no Teatro João Caetano, para cumprir o contrato com o governo. As perícias realizadas nos livros do Teatro-Escola, finalmente, atestavam a lisura do diretor na administração da empresa. Mas, esse parecer técnico capaz de por fim às discussões, chegou tarde. O Teatro-Escola terminara sua existência. Três anos depois, ao ser instituído o Serviço Nacional de Teatro, o ministro Capanema, em artigo para um caderno de publicidade do Ministério, dá o crédito ao Teatro-Escola como primeira experiência oficial do governo, no sentido de criar órgãos de apoio ao desenvolvimento do teatro brasileiro.

Insistindo na idéia de prosseguir o plano do Teatro-Escola e levar o grande teatro aos mais distantes sítios, Renato começou as articulações criando nova companhia, que estreou e fez péssima temporada em Niterói. Nessa temporada estreou no palco a filha de Renato e dona Elita, Maria Antonieta que, em festa oferecida a Renato por acadêmicos fluminenses, anunciou que adotaria o nome artístico de Maria Caetana, em homenagem ao grande João Caetano, filho daquela cidade.

2

21



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



PUBLICIDADE NO RECIFE.

Cerca de dois anos Renato lutou por condições para levar seu teatro a estados do Norte e Nordeste, em "missões dramáticas". E finalmente conseguiu formar uma companhia de alto nível, adquirir equipamentos de luz e de som, restaurar cenários do acervo, assinados pelos maiores cenógrafos da época, e percorrer com a companhia, de março a novembro de 1938, vários estados, realizando temporadas históricas em Recife, João Pessoa, Belém, Manaus, Fortaleza, encerrando a excursão onde começou, Recife.

Depois de nova temporada no Rio de Janeiro, com o apoio do SNT Renato prosseguiu as "missões dramáticas" levando seu teatro ao Rio Grande do Sul e Paraná, com apresentações nas capitais e cidades mais importantes. Apresentou-se depois em São Paulo, Campinas e Santos, prossequindo viagem ao Espírito Santo, à Bahia e refazendo o mesmo roteiro pelas capitais do Norte/Nordeste.

Formou companhia em 1941 realizando nova excursão pelo Sul e terminou fundando em Porto Alegre a Escola Dramática do Rio Grande do Sul. Instalada inicialmente no Teatro São Pedro, mais tarde transferiu-se para sede própria, na Av. Brasil, bairro dos Navegantes. Em um velho galpão, adaptou-se a sala de espetáculos e assim nasceu o Teatro Anchieta.

Reaparecia, na verdade, o sonho do Teatro-Escola. Os alunos, além das aulas teóricas e práticas de interpretação, se exercitavam nas diferentes áreas, como cenografia, figurinos e iluminação. Aos poucos, criava-se através dos cursos o elenco do Teatro Anchieta. O grande sucesso do grupo em Porto Alegre repetia-se em excursões por cidades do interior. Finalmente, em 1945, o Teatro Anchieta apresentou-se no Rio de Janeiro com repertório que incluía Crime e Castigo, de Dostoievski, peças de Florêncio Sanches e de Renato Vianna.

Handwritten signature or mark.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



TEATRO ANCHIETA, CRIME E CASTIGO (1945).

Os tempos eram difíceis. Com a renúncia (forçada) de Getúlio Vargas, aconteceram grandes alterações na política cultural. O apoio oficial destinado ao Teatro Anchieta foi cortado e o pagamento de parcelas já vencidas adiado. Assim mesmo, o Teatro Anchieta continuou seu programa e nos anos de 1947 e 48, realizou a terceira "missão dramática", percorrendo estados do Norte/Nordeste, além de uma excelente temporada em Belo Horizonte. Mas, chegava a um impasse e sua continuidade era problemática. A alternativa, acreditava Renato Vianna, seria transferi-lo para o Rio de Janeiro.

Estava fazendo planos nesse sentido quando, em 1948, foi convidado pelo prefeito do Distrito Federal a assumir a direção da velha Escola Dramática Municipal, fundada por Coelho Neto em 1911. A escola praticamente não mais existia. Funcionava em sala emprestada, na Praça Mauá, sem programa didático e sem quaisquer condições indispensáveis a um curso de arte dramática.

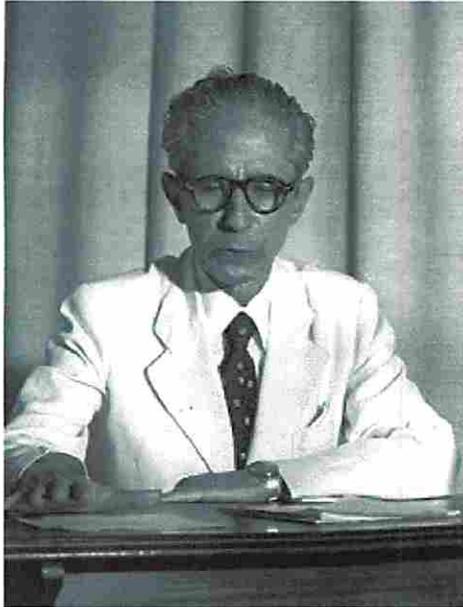
Renato conseguiu instalar a Escola no solar do Rio Branco, junto à Praça da República, onde se encontra até hoje, mudou-lhe o nome para Escola Dramática Martins Pena, deu-lhe um programa didático e formou um quadro docente de primeira linha, incluindo nomes como José Oiticica, Tomás Santa Rosa, Luísa Barreto Leite.

A tentativa de anexar o Teatro Anchieta à Escola Martins Pena não se concretizou, mas, a idéia de uma Escola com companhia anexada permaneceu. E com alunos da Martins Pena (entre esses alunos estava a atriz Teresa Rachel) montou dois espetáculos ambiciosos: Édipo Rei, de André Gide, e Um Inimigo do Povo, de Ibsen. Tinha ainda grandes planos para transformar a Martins Pena numa escola modelo, quando foi colhido pela Morte, a 23 de maio de 1953. Lembra o discípulo e amigo Paschoal Carlos Magno:



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Renato Viana (1952)

Na madrugada da sua morte encontrava-me no seu apartamento no Largo dos Leões. Ajudei a tirar as medidas do seu caixão e também a vesti-lo para sua última viagem. Foi preciso, depois, levá-lo para a capela da Real Grandeza. Não era possível conduzir o caixão, do sétimo andar da sua última morada à rua. Colocaram-lhe o caixão, de pé, de encontro à parede do elevador de serviço. Descemos com ele. Saía da sua casa, morto, mas de pé, como ficará para sempre, dentro da história do teatro no Brasil.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Humberto Mauro

"Não sou literato. Sou poeta do cinema. E o cinema nada mais é do que cachoeira. Deve ter dinamismo, beleza, continuidade eterna".

Jornal do Brasil, RJ, abril de 1973.

Filho de Caetano Mauro, imigrante italiano, e de Tereza Duarte, mineira culta e poliglota, Humberto Duarte Mauro nasceu no dia 30 de abril de 1897, numa fazenda de Volta Grande, perto de Cataguases, na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, dois anos depois da histórica sessão cinematográfica promovida pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em Paris, na França.



**HUMBERTO
MAURO NA
DÉCADA DE 30**

Desde cedo demonstrou habilidade manual e especial interesse pela música e por mecânica – Mauro "tocava" violino e bandolim e fez um curso de eletromecânica por correspondência. Seu primeiro empreendimento foi uma oficina, responsável pela instalação da eletricidade em muitas fazendas na Zona da Mata, e também construiu o primeiro aparelho de recepção radiofônica da cidade onde morava. Vem dessa época a paixão pelo radioamadorismo, que conservou para sempre.



**HUMBERTO MAURO EM
VOLTA GRANDE, MG.**

Em 1916 mudou-se para o Rio de Janeiro, com o objetivo de trabalhar numa oficina de enrolamento de motores e transformadores. Paralelamente, foi atleta do Vila Isabel, time de futebol onde foi goleiro, jogador de xadrez e lutador de boxe e luta romana. Em 1918, depois de trabalhar na Light e no Lloyd Brasileiro, ainda no Rio de Janeiro, retornou a Cataguases, e, em fevereiro de 1920, casou-se com Dona Bebê (Maria Vilela de Almeida), sua única esposa durante toda a vida.

Handwritten signature



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



COMEMORAÇÃO DAS
BODAS DE OURO DO CASAL
(1970)

Mauro já tinha 26 anos quando se interessou por cinema. Gostava dos seriados e dos filmes de aventura e imaginava que fazer cinema não era algo assim tão difícil. Nessa época, o Brasil vivia, simultaneamente, a expansão do mercado cinematográfico e a repercussão da Semana de Arte de 22, que em Cataguases se manifestava através das páginas da revista *Verde*. Para o crítico e pesquisador Paulo Emílio Sales Gomes, Mauro "se pôs a fazer cinema não porque fosse intelectualmente moderno, pois não o era, mas porque possuía o gosto e o talento da mecânica. Inicialmente, foi o lado mecânico da máquina de filmar que o conquistou". E completa: "o que permitiu a Mauro superar-se intelectualmente foi a alegria criadora do manejo de uma máquina de filmar".

A PARTIR
DA
ESQUERDA:
ALEX
VIANY,
DAVID
NEVES,
HUMBERTO
MAURO,
PAULO
EMÍLIO E D.
BEBÊ



Assim, em 1925, Mauro e o fotógrafo italiano Pedro Comello realizaram em Cataguases o primeiro filme, *Valadião, o Cratera*. Depois, apoiados pelo comerciante Homero Cortes Domingues, iniciaram a produção de *Os três irmãos*, que não chegou a ser concluído. Com a adesão de Agenor Cortes de Barros, a equipe formalizou a criação da empresa produtora Phebo Sul America Film.

O primeiro filme da empresa foi *Na primavera da vida*, dirigido por Mauro em 1926. Com ele surgiu a primeira musa do cinema brasileiro, Eva Nil, filha de Pedro Comello, que abandonou a carreira artística rapidamente.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



NA PRIMAVERA DA VIDA



EVA NIL

O filme seguinte, *Thesouro perdido*, foi um dos preferidos de Mauro. No elenco, além da sua mulher que trabalhou com o pseudônimo de Lola Lys, em sua única incursão cinematográfica, atuou seu irmão Chiquinho, no papel de galã, e o próprio cineasta, interpretando o vilão. Foi nessa ocasião que Comello deixou de participar da equipe e Mauro, juntamente com os outros dois sócios, decidiram transformar a produtora em sociedade anônima para captar recursos.



CARTAZ DE
THESOIRO PERDIDO

Mauro seguiu filmando. Em 1929 lançou *Braza dormida*, depois o curta-metragem *Symphonia de Cataguazes*, e *Sangue mineiro*, longa-metragem concluído com o auxílio da atriz e produtora Carmen Santos, que estreou em janeiro de 1930.



LUIZ SORÔA E NITA NEY EM
BRAZA DORMIDA



CARMEN SANTOS DURANTE
INTERVALO DE FILMAGEM



LUIZ SORÔA E CARMEN SANTOS
EM *SANGUE MINEIRO*

Instalado no Rio de Janeiro, foi trabalhar na empresa cinematográfica Cinédia, do amigo Adhemar Gonzaga. Em 1930, realizou *Lábios sem beijos*, e, no ano seguinte, fotografou o longa-metragem dirigido por Octávio Gabus Mendes, *Mulher*. Depois vieram *Ganga bruta*, – com música de Radamés Gnattali e do próprio cineasta e a participação da conhecida atriz Déa Selva; *Voz do Carnaval* – inspirado numa história de Joracy Camargo, o filme lançou Carmem Miranda no cinema e foi o último trabalho de Mauro para a Cinédia.

[Handwritten signature]



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



**HUMBERTO MAURO E
EQUIPE DA CINÉDIA**



**DÊA SELVA EM GANGA
BRUTA**

Depois de ter enfrentado dificuldades financeiras por causa das poucas oportunidades de trabalho oferecidas pelo mercado cinematográfico, Mauro aceitou dirigir alguns documentários para Carmen Santos. Entre 1934 e 1935, filmou *As sete maravilhas do Rio de Janeiro*, *Inauguração da Sétima Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro*, *General Osório* e *Pedro II*.



**A PARTIR DA
ESQUERDA:
REGINALDO
CALMON,
MANOEL
RIBEIRO,
CARMEN SANTOS
E HUMBERTO
MAURO**

A partir de então, Mauro nunca mais parou de filmar. Fosse ficção ou documentário. Em 1935, com a colaboração de Henrique Pongetti, realizou *Favela dos meus amores*, com trilha musical de Ary Barroso, Custódio Mesquita, Sílvio Caldas e Orestes Barbosa. *Cidade mulher*, de 1936, com enredo de Pongetti, contou com a única trilha sonora escrita por Noel Rosa para o cinema. Também no mesmo ano, Mauro fotografou o filme *Grito da mocidade*, de Raoul Roulien.



**A PARTIR DA ESQUERDA:
ANTONIETA MARZULO, CARMEN
SANTOS E RODOLFO MAYER EM
FAVELA DOS MEUS AMORES**



**A PARTIR DA ESQUERDA: MARIO
SALABERRY, CARMEN SANTOS,
SARAH NOBRE E JAYME COSTA
EM CIDADE MULHER**

Ainda em 1936, Humberto Mauro ingressou no Instituto Nacional do Cinema Educativo – INCE, fundado por Edgar Roquette-Pinto, onde realizou mais de 300 filmes documentários.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



EDGAR ROQUETTE-PINTO

Nas raras interrupções em suas tarefas no INCE, Mauro filmou os longas-metragens de ficção *O descobrimento do Brasil*, em 1937 – um convite do Instituto do Cacau da Bahia; *Argila*, com elenco encabeçado por Carmen Santos, em 1940; e *O canto da saudade*, seu último longa-metragem, em 1952.



CELSO GUIMARÃES EM ARGILA



CENA DE O CANTO DA SAUDADE

Depois de se aposentar no INCE, realizou entre os anos de 1952 e 1967, dezenas de curtas-metragens. Mas sua contribuição ao cinema brasileiro não se esgota aí. Mauro foi ator em *Memória de Helena* (David Neves, 1969); autor dos diálogos em tupi-guarani de *Como era gostoso o meu francês* (Nelson Pereira dos Santos, 1971) e *Anchieta, José do Brasil* (Paulo Cesar Saraceni, 1978); e colaborou, ainda, no argumento e no roteiro de *A noiva da cidade* (Alex Viany, 1979).



A PARTIR DA ESQUERDA: JORGE GOMES, ALEX VIANY, H. MAURO E ELKE MARAVILHA



ROSA MARIA PENNA EM MEMÓRIA DE HELENA



HUMBERTO MAURO E DAVID NEVES, DIRETOR DE MEMÓRIA DE HELENA

Carro de bois, documentário rodado em Volta Grande, Minas Gerais, em 1974, e produzido pelo Instituto Nacional do Cinema, foi sua última realização cinematográfica. Humberto Mauro faleceu no dia 5 de novembro de 1983, na cidade onde nasceu, e coincidentemente, na data em que se comemora o dia Nacional da Cultura, do Cinema Brasileiro e do Radioamador.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



**HUMBERTO
MAURO DURANTE**
A FILMAGEM DE
CARRO DE BOIS,
EM VOLTA
GRANDE, MG



"Eu morro, você morre. O cinema brasileiro, não; vai embora."
Estado de Minas, BH, novembro de 1983.

O descobrimento do Brasil, o filme (*)



CENA DE
O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O início do projeto *O descobrimento do Brasil* não tinha nada a ver com Humberto Mauro. Inácio Tosta, presidente do Instituto do Cacau da Bahia, foi seduzido pela idéia de patrocinar uma reconstituição histórica sobre o descobrimento, e o filme chegou a ser iniciado com direção de Alberto Campiglia e fotografia de Alberto Botelho. Mas o tempo se passava, gastava-se dinheiro e os trabalhos não andavam. Segundo Humberto, quando assumiu a direção do filme, apenas os atores estavam escolhidos e muito pouco havia sido filmado.

Ao aceitar dirigir *O descobrimento do Brasil*, Humberto foi aos poucos mudando praticamente tudo, salvo os atores. A caravela montada sobre flutuadores na Baía da Guanabara e as filmagens em interiores, foram transferidas para os estúdios de Carmen Santos e alguns outros montados na Feira de Amostras. O roteiro foi adaptado cinematograficamente, tendo como ponto de partida a Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei Dom Manuel, o Venturoso, mas o diretor-roteirista fez pesquisas complementares.

Embora em sua essência o filme seja a visualização do descobrimento tal como visto pelos manuais escolares da História do Brasil, Humberto fez questão de deixar claro que não foi por "casualidade" que a frota de Pedro Álvares Cabral chegou ao novo continente. Enriqueceu, com detalhes antropológicos colhidos nos filmes realizados entre os índios pelas equipes de Cândido Rondon, o relacionamento dos descobridores com o povo indígena.

Completadas as filmagens e uma primeira montagem, Humberto mostrou os copiões para Villa-Lobos, que concordou em fazer a trilha musical. As gravações foram realizadas no estúdio de som de Fausto Muniz, e Villa-Lobos



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



participou ativamente na pesquisa de ruídos para a trilha sonora: o som do mar, em alguns momentos, foi obtido esfregando-se papel sobre uma superfície áspera, e a queda da enorme maçaranduba que seria transformada na cruz da Primeira Missa, foi acompanhada por um som combinado de feijões caindo nas costas de uma guitarra e folhas-de-flandres sendo balançadas.

O lançamento de *O descobrimento do Brasil* foi cercado de publicidade nos jornais, exposições para autoridades, etc, mas o filme não alcançou propriamente um grande sucesso, nem no Brasil nem em Portugal, onde foi exibido pouco depois. Apesar da relevância do episódio na história dos dois países, não havia propriamente um enredo que atraísse o público, e os poucos diálogos do filme eram, na maior parte, em tupi.

As matérias publicadas na época tinham sobretudo um tom patriótico e poucas analisavam os valores cinematográficos apresentados por Humberto: a atmosfera mística em que se desenrola o contato com a Terra Nova, a procissão da cruz, a primeira missa, a alternância desses episódios mais sérios com cenas mais leves, como a dança coletiva dos índios com os acrobatas portugueses.

A força do filme era tal, porém, que, numa crítica publicada na época, Graciliano Ramos elogiava as "admiráveis cenas" de *O descobrimento do Brasil* ao mesmo tempo em que se espantava de o contato entre os indígenas e os portugueses se processar no filme com a maior cordialidade, quando a História posterior demonstrou que os exploradores aqui tinham aportado para "escravizar e assassinar o indígena".



HUMBERTO
MAURO

Q

31



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447.



Cora Coralina



CORA CORALINA

MENU DA AUTORA:

ASSIM EU VEJO A VIDA

MINGA, ZÓIO DE PRATA

O CÂNTICO DA TERRA

MASCARADOS

O LAMPIÃO DA RUA DO FOGO

CONCLUSÕES DE ANINHA

ÚLTIMO TEXTO CONCLUSÕES DE ANINHA

Estavam ali parados o Marido e mulher esperavam o carro. E foi que veio aquela da roça tímida, humilde, sofrida. Contou que o fogo, lá longe, tinha queimado seu rancho, e tudo que tinha dentro.

Estava ali no comércio pedindo um auxílio para levantar novo rancho e comprar suas pobrezinhas.

O homem ouviu. Abriu a carteira tirou uma cédula, entregou sem palavra. A mulher ouviu. Perguntou, indagou, especulou, aconselhou, se comoveu e disse que Nossa Senhora havia de ajudar e não abriu a bolsa.

Qual dos dois ajudou mais?

Donde se infere que o homem ajuda sem participar e a mulher participa sem ajudar.

Da mesma forma aquela sentença: "A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar."

Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada, o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso e ensinar a paciência do pescador. Você faria isso, Leitor?

Antes que tudo isso se fizesse o desvalido não morreria de fome?
Conclusão: Na prática, a teoria é outra.

Cora Coralina (Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas), 20/08/1889 — 10/04/1985, é a grande poetisa do Estado de Goiás. Em 1903 já escrevia poemas sobre seu cotidiano, tendo criado, juntamente com duas amigas, em 1908, o jornal de poemas femininos "A Rosa". Em 1910, seu primeiro conto, "Tragédia na Roça", é publicado no "Anuário Histórico e Geográfico do Estado



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



de Goiás", já com o pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911 conhece o advogado divorciado Cantídio Tolentino Brêtas, com quem foge. Vai para Jaboticabal (SP), onde nascem seus seis filhos: Paraguaçu, Enéias, Cantídio, Jacintha, Ísis e Vicência. Seu marido a proíbe de integrar-se à Semana de Arte Moderna, a convite de Monteiro Lobato, em 1922. Em 1928 muda-se para São Paulo (SP). Em 1934, torna-se vendedora de livros da editora José Olimpio que, em 1965, lança seu primeiro livro, "O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais". Em 1976, é lançado "Meu Livro de Cordel", pela editora Cultura Goiana. Em 1980, Carlos Drummond de Andrade, como era de seu feitio, após ler alguns escritos da autora, manda-lhe uma carta elogiando seu trabalho, a qual, ao ser divulgada, desperta o interesse do público leitor e a faz ficar conhecida em todo o Brasil.

Sintam a admiração do poeta, manifestada em carta dirigida a Cora em 1983:

"Minha querida amiga Cora Coralina: Seu "Vintém de Cobre" é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...)." *Editado pela Universidade Federal de Goiás, em 1983, seu novo livro "Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha", é muito bem recebido pela crítica e pelos amantes da poesia. Em 1984, torna-se a primeira mulher a receber o Prêmio Juca Pato, como intelectual do ano de 1983. Viveu 96 anos, teve seis filhos, quinze netos e 19 bisnetos, foi doceira e membro efetivo de diversas entidades culturais, tendo recebido o título de doutora "Honoris Causa" pela Universidade Federal de Goiás. No dia 10 de abril de 1985, falece em Goiânia. Seu corpo é velado na Igreja do Rosário, ao lado da Casa Velha da Ponte. "Estórias da Casa Velha da Ponte" é lançado pela Global Editora. Postumamente, foram lançados os livros infantis "Os Meninos Verdes", em 1986, e "A Moeda de Ouro que um Pato Comeu", em 1997, e "O Tesouro da Casa Velha da Ponte", em 1989.*

Texto extraído do livro "Vintém de cobre - Meias confissões de Aninha", Global Editora — São Paulo, 2001, pág. 174.

R



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Luiz da Câmara Cascudo

Segundo Diógenes da Cunha Lima, Câmara Cascudo foi um "escritor, folclorista, etnógrafo, antropologista cultural, crítico, sociólogo, orador, conferencista". Possuindo, "sobretudo, o dom da prosa, animada, viva, cintilante, com a faculdade rara, feliz, de espalhar bom humor e irradiar simpatia em torno de si".

Luís da Câmara Cascudo nasceu no dia 30 de dezembro de 1898, no bairro da Ribeira, Natal, Filho do coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e de dona Ana da Câmara Cascudo.

Estudou no Externato Sagrado Coração de Jesus, colégio feminino, dirigido por duas irmãs, Guilhermina e Maria Emília de Andrade.

Teve dois professores particulares, Pedro Alexandrino, ensinando Literatura Clássica, e Francisco Ivo Cavalcanti, lecionando Conhecimentos Gerais.

O pai, discordando da educação feminina que recebia, colocou o filho no Colégio Santo Antônio.

Foi menino rico, pois, como ele mesmo disse, "meu pai e seus amigos enchiam-me de presentes, trazidos do sul ou mandados vir da Europa (...) Mas, brincava sozinho. "Esse fato marcou o menino de tal maneira que, quando adulto, não esqueceu: "falar só, abstração, timidez - repulsa ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida, interior suprimindo a distância da convivência menina. Lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais. Ficava horas e horas imóvel, num caldeirão de braços com o livro na perna, viajando na imaginação. Deveria ser introvertido, ensimesmado, caladão. Foi ao contrário"- sou extrovertido, palrador, derramado".

Apesar de rico, foi um menino triste: "Fui menino magro, pálido, enfermizo. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil".

Ao crescer, Câmara Cascudo, era um jovem elegante, com roupas confeccionadas pelo Joca Lira. E fazia compras nas melhores lojas: Paris em Natal, Natal Modelo e A Chilena. Era um rapaz muito estimado pelas moças natalenses. E se dizia, inclusive, que ele possuía duas namoradas com o mesmo nome: Alzira...

Apaixonou-se, entretanto, por uma moça de dezesseis anos, Dália, filha do desembargador Teotônio Freire e de dona Sinhá Freire. Com ela se casou, no dia 21 de abril de 1929. Teve dois filhos: Fernando Luís e Ana Maria Cascudo.

Menino rico, rapaz elegante, adulto pobre, sendo obrigado a trabalhar para viver. Exerceu várias funções públicas: professor, chegando a ser diretor do Ateneu Norte-Rio-Grandense. Exerceu os cargos de secretário do Tribunal de Justiça e consultor jurídico do Estado. Em 1951, ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte como professor de Direito Internacional Público.

Em 1948, recebeu o título de "Historiador da Cidade do Natal", das mãos do prefeito Sylvio Pedroza.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Ingressou no jornalismo, escrevendo a seção "Bric-à-Brac", no jornal de seu pai, "A Imprensa". Assinou uma crônica diária, em "A República", que o tornou famoso: "Acta Diurna" (foram escritas, ao lado cerca de 3.200 crônicas).

Colaborou em vários órgãos de imprensa de Recife: Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco, Diário da Manhã, e, também, em outros jornais do país.

Câmara Cascudo foi, como disse Luiz Gonzaga de Melo, "um dos maiores divulgadores da ideologia da Ação Integralista Brasileira", chegando, inclusive, a ser o chefe desse movimento no Rio Grande do Norte. Toda a divulgação, feita por Cascudo, foi através da imprensa. Ele se tornou um assíduo colaborador do semanário "A Ofensiva" e, ainda, das revistas "Anauê" e "Panorama".

Em artigo publicado na revista "A Ofensiva" (31-05-1934). Câmara Cascudo faz um questionamento de uma impressionante atualidade: "para a burguesia liberal, governar é arrecadar impostos. Que importa o sofrimento dos homens? Que importa o desenvolvimento constante de classe exploradas ao lado de um pequeno grupo de exploradores? Que importa o acorrentamento da nação ao capitalismo estrangeiro?"

Musicólogo, como esclarece Gumercindo Saraiva, "não é somente aquele que executa melodia, compõe peças ou estuda acústica e teoria musical". E, sim, igualmente aquele "que se dedica em torno da musicologia, abordando qualquer dos aspectos dessa ciência, o biógrafo, o historiador este sim é um musicólogo".

Gumercindo Saraiva faz uma afirmação que demonstra todo o prestígio de Câmara Cascudo em sua cidade natal: "Nada fazia na província em sentido de cultura sem primeiro ouvi-lo". Desfrutando esse prestígio quando possuía apenas 39 anos. Gumercindo Saraiva disse ainda o seguinte: "Sua orientação nos setores artísticos, contribuindo com ensinamentos sábios, trouxeram novos horizontes para a cultura musical do Estado". Alguns títulos de crônicas de Cascudo comprovam sua atuação como musicólogo: "Prelúdio sobre Bach", "Modinhas e modinheiros de Natal", "Da canção brasileira", "A cantoria sertaneja", etc.

Câmara Cascudo fundou a Sociedade de Cultura Musical, presidiu o Instituto de Música do Rio Grande do Norte e dirigiu a revista "Som".

Câmara Cascudo é considerado ainda hoje como sendo um dos maiores folcloristas do mundo, o maior do Brasil. A sua obra mais importante, nessa área, chama-se "Dicionário do Folclore Brasileiro" (1954). Outros livros de Cascudo sobre o folclore: "Geografia dos Mitos Brasileiros" (Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, 1948), "Folclore do Brasil" (1976), etc.

Renato Almeida, escrevendo sobre o mundo folclórico de Câmara Cascudo, disse que "não limita aos livros que tem publicado, numa imensa bibliografia, todo o seu cabedal de conhecimentos. Tem a arte difícil de conversar e ouvi-lo é um encanto continuado. A ele podemos aplicar em tudo quanto se refere ao folclore, aquele dístico do já desaparecido jornal cinematográfico Pathé - tudo vê, tudo sabe, tudo informa".

Como historiador, Cascudo escreveu uma obra definitiva, "História do Rio Grande do Norte" (1995) e, ainda, o livro que até o presente não foi suplantado: "História da Cidade do Natal" (1947).

35



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



No campo da etnografia, escreveu um livro completo: "Jangada" (1957). Outros livros: "Nomes da Terra" (1968), "História da Alimentação no Brasil" (3 vols- 1º vol. (1967), "Rede de Dormir" (1959), "O Tempo e Eu" (1968) etc. Escreveu, ao todo, 150 livros.

Recebeu diversas condecorações: "Comendador da Ordem de Cristo" (Portugal), "Comendador da Ordem dos Cisneiros" (Espanha), "Comendador da Ordem de São Gregório" (Santa Sé), "Oficial da Ordem da Coroa" (Itália), "Medalha Nina Rodrigues" (S. Paulo), "Medalha da Campanha do Atlântico Sul" (Aeronáutica) etc.

Distinções recebidas: "Prêmio Nacional de Cultura" (1970), concedido pela Fundação Cultural do Distrito Federal; "Troféu Juca Pato", dado pela União Brasileira de Escritores (1976); "Prêmio Henning Albert Boilesen" (1973); "Doutor Honoris Causa", da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, etc.

Câmara Cascudo pertenceu a diversas instituições culturais: Academia Nacional de Filosofia, Sociedade Brasileira de Antropologia e Enologia, Sociedade de Folk-lore do México, Sociedade de Geografia de Lisboa, Societé des Americanistas de Paris, entre outras.

Luís da Câmara Cascudo morreu em Natal, no dia 30 de julho de 1986.



EMILIANO DI CAVALCANTI

O pintor Emiliano Di Cavalcanti nasceu em 6 de setembro de 1897. Naquela época, o panorama das artes plásticas no Brasil era bastante desolador: a pouca informação, conjugada ao tradicionalismo conservador das elites vigentes deixavam o cenário da pintura a depender ainda de ecos das já ultrapassadas correntes artísticas européias.

Nesse contexto, tornaram-se muito importantes as exposições de Lasar Segall, em 1913, e de Anita Malfatti, em 1917, esta duramente criticada. Esses dois episódios fazem parte da história de um movimento em direção às correntes modernistas européias, que iria culminar na Semana de Arte Moderna de 1922. Di Cavalcanti já era um artista de talento bastante reconhecido nessa época, e sua atuação em 1922 foi essencial: o artista foi um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna e uma referência importantíssima para todo o grupo modernista e, desde então, para a história das artes plásticas no Brasil.

Di Cavalcanti era um intelectual muito bem informado sobre as vanguardas modernistas do seu tempo, interessado não só por artes plásticas, mas por outras áreas também. Por isso mesmo, em 1921, o artista fora convidado a ilustrar o livro "Balada do Cárcere de Reading", de Oscar Wilde, um dos mais significativos escritores contemporâneos. Em 1923, Di Cavalcanti realiza viagem a Paris, freqüentando o ambiente intelectual e boêmio da época e convivendo com Picasso e Braque, entre outros, numa relação de admiração mútua. Sua experiência do contato com o cubismo, expressionismo e outras correntes artísticas inovadoras, conjugadas à consciência da sua posição de artista brasileiro, concorreram para aumentar a sua convicção no propósito de ousar e destruir velhas barreiras, colocando a arte brasileira em compasso com o que acontecia no mundo. Di Cavalcanti sabia estar no caminho certo esteticamente e a viagem a Paris só reforçou as suas certezas. Entretanto, o ambiente do pintor não era o dos boulevares de Paris: Di Cavalcanti estava impregnado dos trópicos, de uma atmosfera sensual e quente.

À sua ousadia estética e perícia técnica, marcada pela definição dos volumes, pela riqueza das cores, pela luminosidade, vem somar-se a exploração de temas ligados ao seu cotidiano, que ele percebia com vitalidade e entusiasmo. A profunda inclinação aos prazeres da carne e a vida notívaga influenciaram sobremaneira sua obra: o Brasil das telas de Di Cavalcanti é carregado de lirismo, revelando símbolos de uma brasilidade personificada em mulatas que observam a vida passar, moças sensuais, foliões e pescadores. A sensualidade é imanente à obra do pintor e os prostíbulos são uma de suas marcas temáticas, assim como o carnaval e a festa, como se o cotidiano fosse um permanente deleitar-se. A originalidade de uma cultura constituída por um caldo de referências indígenas, européias e africanas, de forma contraditória e única, transparece em suas telas através de uma luminosidade ímpar.

Marcada pela evolução constante em direção a uma técnica cada vez mais acurada, a obra de Di Cavalcanti pode ser situada numa tradição interpretativa do Brasil. Hoje, o pintor é um dos mais populares artistas brasileiros, alcançando enorme prestígio também no exterior: suas obras são disputadíssimas nos leilões internacionais, imprescindíveis a todas as coleções latino-americanas. A pintura de Di Cavalcanti representa toda uma imagem do país no mundo afora, ressaltando a sua exuberância natural e humana: é indiscutivelmente figura chave da arte brasileira. Todo o seu entendimento tem passagem obrigatória por Di Cavalcanti.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



CRONOLOGIA

- 1897 – Nasce Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, no Rio de Janeiro.
- 1914 – Publica sua primeira caricatura na revista “Fon-Fon”.
- 1916 – Participa do I Salão dos Humoristas.
- Muda-se para São Paulo.
- 1917 – Primeira exposição individual na redação de “A Cigarra”, em São Paulo.
- 1919 – Ilustra o livro “Carnaval”, de Manuel Bandeira.
- 1921 – Ilustra “Balada do Cárcere de Reading”, de Oscar Wilde.
- 1922 – Participa da Semana de Arte Moderna, fazendo a capa do catálogo e expondo 11 obras.
- 1923 – Viaja para Europa, fixando-se em Paris como correspondente do jornal “Correio da Manhã”.
- 1925 – Volta ao Brasil, morando no Rio de Janeiro.
- 1929 – Pinta dois murais para o Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.
- 1935 – Muda-se novamente para a Europa.
- 1937 – Medalha de ouro com a decoração do Pavilhão da Companhia Franco-Brasileira, na Exposição de Arte Técnica, em Paris.
- 1940 – Volta para o Brasil, fixando-se em São Paulo.
- 1941 – Ilustra o livro “Uma noite na taverna / Macário”, de Álvares de Azevedo.
- 1947 – Expõe na Galeria Domus, no Rio de Janeiro.
- 1953 – Ganha, com Alfredo Volpi, o prêmio de melhor pintor nacional na II Bienal de São Paulo.
- 1954 – Retrospectiva da sua obra no MAM – RJ (Museu de Arte Moderna).
- 1955 – Publica “Viagem de minha vida”, livro de memórias.
- 1956 – Recebe primeiro prêmio na Mostra de Arte Sacra, na Itália.
- 1960 – Recebe medalha de ouro por sua participação com sala especial na II Bienal Interamericana, no México.

f

33



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



1963 – Homenageado com sala especial na VII Bienal de São Paulo.

1964 – Exposição comemorativa dos seus 40 anos de artista, na Galeria Relevo, RJ.
- Publica o livro “Reminiscências líricas de um perfeito carioca”.

1971 – Grande retrospectiva de sua obra no MAM – SP (Museu de Arte Moderna).

1976 – Morre no Rio de Janeiro, a 26 de outubro.

P



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Burle Marx



ROBERTO BURLE MARX AOS 10 ANOS

BIOGRAFIA

Desenhista, pintor, escultor, musicista, cenógrafo, figurinista, criador de projetos de jóias, tapetes, jardins. Nasceu no dia 04 de agosto de 1909, numa ampla e confortável casa na Avenida Paulista, projetada por René Thiollier, conhecida como "Vila Fortunata", na cidade de São Paulo.

Era o quarto filho de Cecília Burle (de origem pernambucana e portuguesa) e de Wilhelm Marx, judeu-alemão, nascido em Stuttgart e criado em Trier (cidade natal de Karl Marx, primo de seu avô).

A mãe, exímia pianista e cantora, despertou nos filhos o amor pela música e pelas plantas. Roberto a acompanhava, desde muito pequeno, nos cuidados diários com as rosas, begônias, antúrios, gladiólos, tinhorões e muitas outras espécies que plantava no seu jardim. Com a ama Ana Piascek aprendeu a preparar os canteiros e a observar a magia da germinação das sementes no jardim e na horta domiciliar.

O pai era um homem culto, amante da música clássica e da literatura européia, preocupado com a educação dos filhos, aos quais ensinou alemão, embora se dedicasse aos negócios, como comerciante de couros, num curtume que mantinha em São Paulo.

Roberto Burle Marx foi um dos maiores paisagistas do nosso século, distinguido e premiado internacionalmente. Artista de múltiplas artes, foi também, desenhista, pintor, tapeceiro, ceramista, escultor, pesquisador, cantor e criador de jóias, sensibilidades que conferiram características específicas a toda a sua obra.

Handwritten signature or mark.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Nasceu em São Paulo, a 4 de agosto de 1909, passando a residir no Rio de Janeiro a partir de 1913. De 1928 a 1929 estudou pintura na Alemanha, tendo sido freqüentador assíduo do Jardim Botânico de Berlim, onde descobriu, em suas estufas, a flora brasileira. Seu primeiro projeto paisagístico foi para a arquitetura de Lúcio Costa e Gregori Warchavchik, em 1932, passando a dedicar-se ao paisagismo, paralelamente à pintura e ao desenho.

Em 1949, com a compra de um sítio de 365.000 m², em Barra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, organizou uma grande coleção de plantas. Em 1985 doou esse Sítio, com todo o seu acervo, à extinta Fundação Nacional Pró Memória, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Em 1955 fundou a firma BURLE MARX & CIA LTDA., pela qual passou a elaborar projetos de paisagismo, fazer a execução e manutenção de jardins residenciais e públicos. Desde 1965, até seu falecimento, contou com a colaboração do arquiteto Haruyoshi Ono, que ainda hoje dirige a empresa.

Roberto Burle Marx faleceu no dia 4 de junho de 1994, no Rio de Janeiro, aos 84 anos.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Cândido Portinari

Cândido Portinari



Candido Portinari nasceu no dia 29 de dezembro de 1903, numa fazenda de café em Brodoswki, no Estado de São Paulo. Filho de imigrantes italianos, de origem humilde, recebeu apenas a instrução primária e desde criança manifestou sua vocação artística. Aos quinze anos de idade foi para o Rio de Janeiro em busca de um aprendizado mais sistemático em pintura, matriculando-se na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1928 conquista o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro da Exposição Geral de Belas-Artes, de tradição acadêmica. Vai para Paris, onde permanece durante todo o ano de 1930. Longe de sua pátria, saudoso de sua gente, Portinari decide, ao voltar para o Brasil em 1931, retratar nas suas telas o povo brasileiro, superando aos poucos sua formação acadêmica e fundindo a ciência antiga da pintura a uma personalidade experimentalista e antiacadêmica moderna. Em 1935 obtém seu primeiro reconhecimento no exterior, a Segunda menção honrosa na exposição internacional do Carnegie Institute de Pittsburgh, Estados Unidos, com uma tela de grandes proporções intitulada CAFÉ, retratando uma cena de colheita típica de sua região de origem.

A inclinação muralista de Portinari revela-se com vigor nos painéis executados no Monumento Rodoviário situado no Eixo Rio de Janeiro – São Paulo (na hoje “Via Dutra”), em 1936, e nos afrescos do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde, realizados entre 1936 e 1944. Estes trabalhos, como conjunto e como concepção artística, representam um marco na evolução da arte de Portinari, afirmando a opção pela temática social, que será o fio condutor de toda a sua obra a partir de então. Companheiro de poetas, escritores, jornalistas, diplomatas, Portinari participa da elite intelectual brasileira numa época em que se verificava uma notável mudança da atitude estética e na cultura do país: tempos de Arte Moderna e apoio do mecenas Getúlio

2

42



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Vargas que, dentre outras qualidades soube cercar-se da nata da intelectualidade brasileira de seu tempo.

No final da década de trinta consolida-se a projeção de Portinari nos Estados Unidos. Em 1939 executa três grandes painéis para o pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York. Neste mesmo ano o Museu de Arte Moderna de Nova York adquire sua tela O MORRO. Em 1940, participa de uma mostra de arte latino-americana no Riverside Museum de Nova York e expõe individualmente no Instituto de Artes de Detroit e no Museu de Arte Moderna de Nova York, com grande sucesso de público, de crítica e mesmo de venda (menor das preocupações do Artista...)

Em dezembro deste ano a Universidade e Chicago publica o primeiro livro sobre o pintor, PORTINARI, HIS LIFE AND ART, com introdução do artista Rockwell Kent e inúmeras reproduções de suas obras. Em 1941, Portinari executa quatro grandes murais na Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso em Washington, com temas referentes à história latino-americana. De volta ao Brasil, realiza em 1943 oito painéis conhecidos como SÉRIE BÍBLICA, fortemente influenciado pela visão picassiana de Guernica e sob o impacto da 2ª Guerra Mundial. Em 1944, a convite do arquiteto Oscar Niemeyer, inicia as obras de decoração do conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, destacando-se o mural SÃO FRANCISCO e a VIA SACRA, na Igreja da Pampulha. A escalada do nazi-fascismo e os horrores da guerra reforçam o caráter social e trágico de sua obra, levando-o à produção das séries RETIRANTES e MENINOS DE BRODOSWKI, entre 1944 e 1946, e à militância política, filiando-se ao Partido Comunista Brasileiro e candidatando-se a deputado, em 1945, e a senador, 1947. Ainda em 1946, Portinari volta a Paris para realizar sua primeira exposição em solo europeu, na Galerie Charpentier. A exposição teve grande repercussão, tendo sido Portinari agraciado, pelo governo francês, com a Légion d'Honneur. Em 1947 expõe no salão Peuser, de Buenos Aires e nos salões da Comissão nacional de Belas Artes, de Montevideú, recebendo grandes homenagens por parte de artistas, intelectuais e autoridades dos dois países.

O final da década de quarenta assinala o início da exploração dos temas históricos através da afirmação do muralismo. Em 1948, Portinari exila-se no Uruguai, por motivos políticos, onde pinta o painel A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL, encomendado pelo banco Boavista do Brasil. Em 1949 executa o grande painel TIRADENTES, narrando episódios do julgamento e execução do herói brasileiro que lutou contra o domínio colonial português. Por este trabalho Portinari recebeu, em 1950, a medalha de ouro concedida pelo Juri do Prêmio Internacional da Paz, reunido em Varsóvia.

Em 1952, atendendo a encomenda do Banco da Bahia, realiza outro painel com temática histórica, A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA À BAHIA e inicia os estudos para os painéis GUERRA E PAZ, oferecidos pelo governo brasileiro à nova sede da Organização das Nações Unidas. Concluídos em 1956, os painéis, medindo cerca de 14x10 m cada - os maiores pintados por Portinari - encontram-se no "hall" de entrada dos delgados de edifício-sede da ONU, em Nova York. Em 1955, recebe a medalha de ouro concedida pelo Internacional Fine-Arts Council de Nova York como o melhor pintor do ano. Em 1956, Portinari viaja a Israel, a convite do governo daquele

72



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



país, expondo em vários museus e executando desenhos inspirados no contado com recém-criado Estado Israelense e expostos posteriormente em Bolonha, Lima, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Neste mesmo ano Portinari recebe o Prêmio Guggenheim do Brasil em 197, a Menção Honrosa no Concurso Internacional de Aquarela do Hallmark Art Award, de Nova York. No final da década de cinquenta, Portinari realiza diversas exposições internacionais.

Expõe em Paris e Munique em 1957. É o único artista brasileiro a participar da exposição 50 ANOS DE ARTE MODERNA, no Palais des Beaux Arts, em Bruxelas, em 1958. Como convidado de honra, expõe 39 obras em sala especial na I Bienal de Artes Plásticas da Cidade do México, em 1958. No mesmo ano ainda, expõe em Buenos Aires. Em 1959 expõe na Galeria Wildenstein de Nova York e, juntamente com outros grandes artistas americanos como Tamayo, Cuevas, Matta, Orozco, Rivera, participa da exposição COLEÇÃO DE ARTE INTERAMERICANA, do Museo de Bellas Artes de Caracas. Candido Portinari morreu no dia 06 de fevereiro de 1962, quando preparava uma grande exposição de cerca de 200 obras a convite da Prefeitura de Milão, vítima de intoxicação pelas tintas que utilizava.

Algumas obras famosas:



RETRATO DE EUCLIDES DA CUNHA

ORIGINAL PARA ILUSTRAÇÃO, REPRODUZIDO À PÁGINA 19, DO LIVRO "PERFIL DE EUCLYDES E OUTROS PERFIS", DE GILBERTO FREYRE.

2

44



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



RETIRANTES, SÉRIE RETIRANTES
MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO, SP



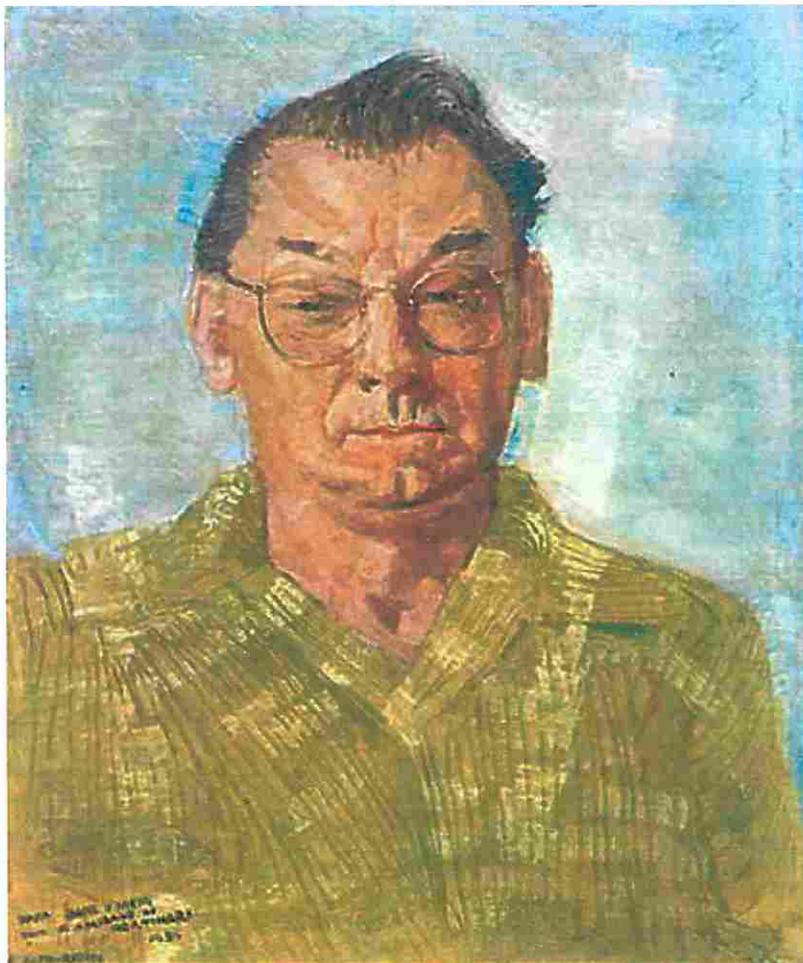
RETRATO DE CARLOS GOMES - PRIMEIRO DESENHO DE PORTINARI, DATADO DE 1914
ASSINADA E DATADA NA METADE INFERIOR DIREITA "CANDIDO PORTINARI 1914"
INSCRIÇÕES NA METADE SUPERIOR DIREITA "LO SCHIAVO", "SALVADOR ROSA", "MARIA TUDOR"; NA
METADE INFERIOR ESQUERDA "TOSCA", "COLOMBO", "CONDOR", "GUARANY" E NO CENTRO DA METADE
INFERIOR "CARLOS GOMES NASCIDO 17 JULHO DE 1836 E FALLECIDO 16 SETEMBRO DE 1896"
COLEÇÃO PARTICULAR, RIO DE JANEIRO, RJ

2



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



CANDIDO PORTINARI

(BRODÓSQUI, SP, 1903 - RIO DE JANEIRO, RJ, 1962)



R

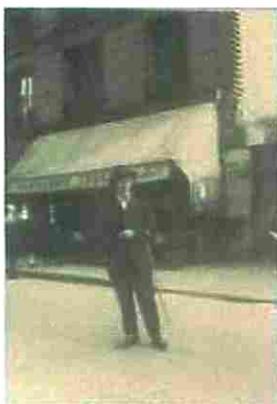


Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



VICTOR BRECHERET



Brecheret - Paris dec. 20

1894 - NASCIMENTO DE VICTOR BRECHERET EM SÃO PAULO, 22 DE FEVEREIRO.

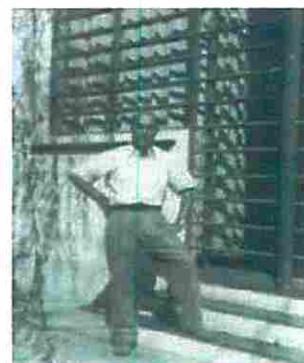
1916 - PARTICIPA DA EXPOSIÇÃO DOS "AMATORI E CULTORI" COM A ESCULTURA DESPERTAR, 1º PRÊMIO NA EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES.

1920 - 27 DE JULHO - EXPÕE NA "CASA BYINGTON" A MAQUETE DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS, CONCORRENDO NO CONCURSO ENTÃO INSTITUÍDO. EXPÕE EM SANTOS (SP), JUNTAMENTE COM OUTROS ARTISTAS, A MAQUETE DO MONUMENTO AOS ANDRADAS.

1921 - 24 DE ABRIL - APRESENTA NA "CASA BYINGTON" A ESCULTURA EVA, ESCULPIDA EM 1919.

1922 - PARTICIPA DA "SEMANA DE ARTE MODERNA" ATRAVÉS DE OBRAS EXPOSTAS NO SAGUÃO DO TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

1923 - EXPÕE NO "SALON D'AUTOMNE", TENDO SIDO PREMIADO COM A OBRA MISE AU TOMBEAU (SEPULTAMENTO).



Brecheret - Atelier dec. 40



Brecheret - dec. 40

1924 - EXPÕE NO "SALON D'AUTOMNE" SUA OBRA PORTEUSE DE PERFUMS (PORTADORA DE PERFUMES).

1925 - PARTICIPA DO "SALON DE LA SOCIÉTÉ DES ARTISTES FRANÇAIS DE SCULPTURE ET CRAVURE SUR PIERRE", EM PARIS. RECEBE MENÇÃO HONROSA. EXPÕE NO "SALON D'AUTOMNE" A ESCULTURA DANSEUSE (DANÇARINA). PARTICIPA DAS "EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS DE ROMA".

Handwritten signature or mark.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



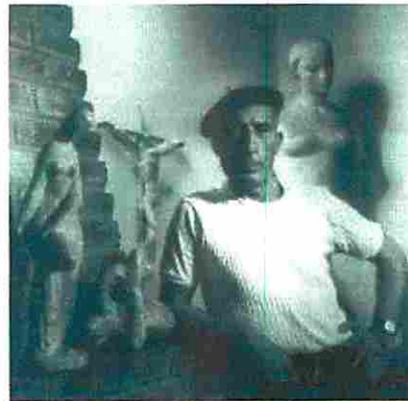
1926 - EXPÕE NO "SALON D'AUTOMNE".

1º EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO.

"PEINTRES ET SCULPTEURS DE L'ECOLE DE PARIS, À LA RENAISSANCE", DU 19 JUILLET AU 15 OCTOBRE.

1929 - EXPÕE NO "SALON DES INDÉPENDENTS" AS ESCULTURAS APRÉS LE BAIN (DEPOIS DO BANHO) E FUIT ON EGIPTE (FUGA PARA O EGITO).

1932 - SÓCIO FUNDADOR DA "SOCIEDADE PRÓ ARTE MODERNA" (SPAM).



Brecheret - Atelier dec. 50



Brecheret - dec. 50

1934 - AQUISIÇÃO PELO GOVERNO FRANCÊS DA OBRA O GRUPO PARA O "MUSEU JEU DE POMME", ATUALMENTE EM LA ROCHE-SUR-YON, RECEBENDO A "CRUZ DA LEGIÃO DE HONRA, A TÍTULO DE BELAS ARTES, NO GRAU DE CAVALEIRO".

1936 - INÍCIO DOS TRABALHOS PARA EXECUÇÃO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS.

1937/39 - PARTICIPA DO I, II E III SALÃO DE MAIO.

1941 - VENCE O CONCURSO INTERNACIONAL DE MAQUETES PARA O MONUMENTO A CAXIAS.

1942 - ESCULPE O FAUNO.

1946 - VIA CRUSIS PARA A "CAPELA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS".

1950 - PARTICIPA DA "XXV BIENAL DE VENEZA".

1951 - 1º PRÊMIO NACIONAL DA ESCULTURA NA "I BIENAL DE SÃO PAULO", COM O ÍNDIO E A SUASSUPARA.

1952 - PARTICIPA DA "XXVI BIENAL DE VENEZA".

1953 - 25 DE JANEIRO - INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS.

FACHADA E INTERIOR DO "JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO (CIDADE JARDIM).

PARTICIPA DA "II BIENAL DE SÃO PAULO".



Brecheret em São Francisco - dec. 50



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Brecheret - Ateliê dec. 50

1954 - AFRESCOS TRÊS GRAÇAS E SÃO FRANCISCO
EM OSASCO, SÃO PAULO.

AFRESCO DA CAPELA PARARANGA, ATIBAIA, SP.

1955 - PARTICIPA DA "III BIENAL DE SÃO PAULO", EXPONDO
BARTIRA. EM MAIO PARTICIPA DA MOSTRA "ARTISTES
BRÉSILIENS", EM PARIS, ATRAVÉS DOS "MUSEUS DE ARTE
MODERNA" DO RIO E SÃO PAULO.

17 DE DEZEMBRO - FALECIMENTO EM SÃO PAULO.

[Handwritten signature]



Rachel de Queiroz



Foto de Eduardo Simões

Nome:

Rachel de Queiroz

Nascimento:

17/11/1910

Natural:

Fortaleza - CE

Morte:

04/11/2003

Menu da Autora

Rachel de Queiroz

"[...] tento, com a maior insistência, embora com tão precário resultado (como se tornou evidente), incorporar a linguagem que falo e escuto no meu ambiente nativo à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade, apenas por necessidade. Meu parente José de Alencar quase um século atrás vivia brigando por isso e fez escola."

Rachel de Queiroz, nasceu em Fortaleza - CE, no dia 17 de novembro de 1910, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descendendo, pelo lado materno, da estirpe dos Alencar (sua bisavó materna — "dona Miliquinha" — era prima José de Alencar, autor de "O Guarani"), e, pelo lado paterno, dos Queiroz, família de raízes profundamente lançadas em Quixadá, onde residiam e seu pai era Juiz de Direito nessa época.

Em 1913, voltam a Fortaleza, face à nomeação de seu pai para o cargo de promotor. Após um ano no cargo, ele pede demissão e vai lecionar Geografia no Liceu. Dedicar-se pessoalmente à educação de **Rachel**, ensinando-a a ler, cavalgar e a nadar. Aos cinco anos a escritora leu "Ubirajara", de José de Alencar, "obviamente sem entender nada", como gosta de frisar.

Fugindo dos horrores da seca de 1915, em julho de 1917 transfere-se com sua família para o Rio de Janeiro, fato esse que seria mais tarde aproveitado pela escritora como tema de seu livro de estréia, "O Quinze".

Logo depois da chegada, em novembro, mudam-se para Belém do Pará, onde residem por dois anos. Retornam ao Ceará, inicialmente para Guaramiranga e depois Quixadá, onde **Rachel** é matriculada no curso normal, como interna do Colégio Imaculada Conceição, formando-se professora em 1925, aos 15 anos de idade. Sua formação escolar pára aí.

Rachel retorna à fazenda dos pais, em Quixadá. Dedicar-se inteiramente à leitura, orientada por sua mãe, sempre



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970 •
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447

atualizada com lançamento nacionais e estrangeiros, em especial os franceses. O constante ler estimula os primeiros escritos. Envergonhada, não mostrava seus textos a ninguém. Em 1926, nasce sua irmã caçula, Maria Luiza. Os outros irmãos eram Roberto, Flávio e Luciano, já falecidos).

Com o pseudônimo de "*Rita de Queluz*" ela envia ao jornal "*O Ceará*", em 1927, uma carta ironizando o concurso "Rainha dos Estudantes", promovido por aquela publicação. O diretor do jornal, Júlio Ibiapina, amigo de seu pai, diante do sucesso da carta a convida para colaborar com o veículo. Três anos depois, ironicamente, quando exercia as funções de professora substituta de História no colégio onde havia se formado, **Rachel** foi eleita a "Rainha dos Estudantes". Com a presença do Governador do Estado, a festa da coroação tinha andamento quando chega a notícia do assassinato de João Pessoa. Joga a coroa no chão e deixa às pressas o local, com uma única explicação "Sou repórter".

Seu pai adquire o Sítio do Pici, perto de Fortaleza, para onde a família se transfere. Sua colaboração em "*O Ceará*" torna-se regular. Publica o folhetim "*História de um nome*" — sobre as várias encarnações de uma tal Rachel — e organiza a página de literatura do jornal.

Submetida a rígido tratamento de saúde, em 1930, face a uma congestão pulmonar e suspeita de tuberculose, a autora se vê obrigada a fazer repouso e resolve escrever "um livro sobre a seca". "*O Quinze*" — romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca — é mostrado aos pais, que decidem "emprestar" o dinheiro para sua edição, que é publicada em agosto com uma tiragem de mil exemplares. Diante da reação reticente dos críticos cearenses, remete o livro para o Rio de Janeiro e São Paulo, sendo elogiado por Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade. O livro logo transformaria **Rachel** numa personalidade literária. Com o dinheiro da venda dos exemplares, a escritora "paga" o empréstimo dos pais.

Em março de 1931, recebe no Rio de Janeiro o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha, mantida pelo escritor, em companhia de Murilo Mendes (poesia) e Cícero Dias (pintura). Conhece integrantes do Partido Comunista; de volta a Fortaleza ajuda a fundar o PC cearense.

Casa-se com o poeta bissexto José Auto da Cruz Oliveira, em

2

51



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



1932. É fichada como "agitadora comunista" pela polícia política de Pernambuco. Seu segundo romance, "*João Miguel*", estava pronto para ser levado ao editor quando a autora é informada de que deveria submetê-lo a um comitê antes de publicá-lo. Semanas depois, em uma reunião no cais do porto do Rio de Janeiro, é informada de que seu livro não fora aprovado pelo PC, porque nele um operário mata outro. Fingindo concordar, **Rachel** pega os originais de volta e, depois de dizer que não via no partido autoridade para censurar sua obra, foge do local "em desabalada carreira", rompendo com o Partido Comunista.

Publica o livro pela editora Schmidt, do Rio, e muda-se para São Paulo, onde se aproxima do grupo trotskista.

Nasce, em Fortaleza, no ano de 1933, sua filha Clotilde.

Muda-se para Maceió, em 1935, onde faz amizade com Jorge de Lima, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Aproxima-se, também, do jornalista Arnon de Mello (pai do futuro presidente da República, Fernando Collor, que a agraciou com a Ordem Nacional do Mérito). Sua filha morre aos 18 meses, vítima de septicemia.

O lançamento do romance "*Caminho de Pedras*", pela José Olympio - Rio, se dá em 1937, que seria sua editora até 1992. Com a decretação do Estado Novo, seus livros são queimados em Salvador - BA, juntamente com os de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, sob a acusação de subversivos. Permanece detida, por três meses, na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza.

Em 1939, separa-se de seu marido e muda-se para o Rio, onde publica seu quarto romance, "*As Três Marias*".

Por intermédio de seu primo, o médico e escritor Pedro Nava, em 1940 conhece o também médico Oyama de Macedo, com quem passa a viver. O casamento duraria até à morte do marido, em 1982. A notícia de que uma picareta de quebrar gelo, por ordem de Stalin, havia esmigalhado o crânio de Trótski faz com que ela se afaste da esquerda.

Deixa de colaborar, em 1944, com os jornais "*Correio da Manhã*", "*O Jornal*" e "*Diário da Tarde*", passando a ser cronista exclusiva da revista "*O Cruzeiro*", onde permanece até 1975.

Estabelece residência na Ilha do Governador, em 1945.

Seu pai vem a falecer em 1948, ano em que publica "A

52



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Donzela e a Moura Torta". No ano de 1950, escreve em quarenta edições da revista "O Cruzeiro" o folhetim "O Galo de Ouro".

Sua primeira peça para o teatro, "*Lampião*", é montada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no Teatro Leopoldo Fróes, em São Paulo, no ano de 1953. É agraciada, pela montagem paulista, com o Prêmio Saci, conferido pelo jornal "O Estado de São Paulo".

Recebe, da Academia Brasileira de Letras, em 1957, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

Em 1958, publica a peça "*A beata Maria do Egito*", montada no Teatro Serrador, no Rio, tendo no papel-título a atriz Glauce Rocha.

O presidente da República, Jânio Quadros, a convida para ocupar o cargo de ministra da Educação, que é recusado. Na época, justificando sua decisão, teria dito: "Sou apenas jornalista e gostaria de continuar sendo apenas jornalista."

O livro "*As Três Marias*", com ilustrações de Aldemir Martins, em tradução inglesa, é lançado pela University of Texas Press, em 1964.

O golpe militar de 1964 teve em **Rachel** uma colaboradora, que "conspirou" a favor da deposição do presidente João Goulart.

O presidente general Humberto de Alencar Castelo Branco, seu conterrâneo e aparentado, no ano de 1966 a nomeia para ser delegada do Brasil na 21ª. Sessão da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, junto à Comissão dos Direitos do Homem.

Passa a integrar o Conselho Federal de Cultura, em 1967, e lá ficaria até 1985. Depois de visitar a escritora na Fazenda Não me Deixes, em Quixadá, o presidente Castelo Branco morre em desastre aéreo.

Estréia na literatura infanto-juvenil, em 1969, com "*O Menino Mágico*", em 1969.

No ano de 1975, publica o romance "*Dôra, Doralina*".

Em 1977, por 23 votos a 15, e um em branco, **Rachel de Queiroz** vence o jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda e torna-se a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras. A eleição acontece no dia 04 de agosto e a posse, em 04 de novembro. Ocupa a cadeira número 5, fundada por Raimundo Correia, tendo como patrono Bernardo Guimarães e ocupada sucessivamente pelo médico

2

53



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Oswaldo Cruz, o poeta Aluísio de Castro e o jurista, crítico e jornalista Cândido Mota Filho.

Seu livro, "O Quinze", é publicado no Japão pela editora Shinsekaisha e na Alemanha pela Suhrkamp, em 1978.

Em 1980, a editora francesa Stock lança "Dôra, Doralina". Estréia da Rede Globo de Televisão a novela "As Três Marias", baseada no romance homônimo da escritora.

Com direção de Perry Salles, estréia no cinema a adaptação de "Dôra, Doralina", em 1981.

Em 1985, é inaugurada em Ramat-Gau, Tel Aviv (Israel), a creche "Casa de **Rachel de Queiroz**". "O Galo de Ouro" é publicado em livro.

Retorna à literatura infantil, em 1986, com "Cafute & Perna-de-Pau".

A José Olympio Editora lança, em 1989, sua "Obra Reunida", em cinco volumes, com todos os livros que **Rachel** publicara até então destinados ao público adulto.

Segundo notícia que circulou em 1991, a Editora Siciliano, de São Paulo, pagou US\$150.000,00 pelos direitos de publicação da obra completa de **Rachel**.

Já na nova editora, lança em 1992 o romance "Memorial de Maria Moura".

Em 1993, recebe dos governos do Brasil e de Portugal, o Prêmio Camões e da União Brasileira de Escritores, o Juca Pato. A Siciliano inicia o relançamento de sua obra completa.

1994 marca a estréia, na Rede Globo de Televisão, da minissérie "Memorial de Maria Moura", adaptada da obra da escritora. Tendo no papel principal a atriz Glória Pires, notícias dão conta que **Rachel** recebeu a quantia de US\$50.000,00 de direitos autorais.

Inicia seu livro de memórias, em 1995, escrito em colaboração com a irmã Maria Luiza, que é publicado posteriormente com o título "Tantos anos".

Pelo conjunto de sua obra, em 1996, recebe o Prêmio Moinho Santista.

Em 2000, é publicado "Não me Deixes — Suas histórias e sua cozinha", em colaboração com sua irmã, Maria Luiza.

Em novembro deste ano, quando a escritora completou 90 anos de idade, foi inaugurada, na Academia Brasileira de Letras, a exposição "Viva **Rachel**". São 17 painéis e um ensaio fotográfico de Eduardo Simões resumindo o que os organizadores da mostra chamam de "geografia interior de



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447

Rachel, suas lembranças e a paisagem que inspirou a sua obra”.

Rachel de Queiroz chega aos 90 anos afirmando que não gosta de escrever e o faz para se sustentar. Ela lembra que começou a escrever para jornais aos 19 anos e nunca mais parou, embora considere pequeno o número de livros que publicou. *“Para mim, foram só cinco, (além de O Quinze, As Três Marias, Dôra, Doralina, O Galo de Ouro e Memorial de Maria Moura), pois os outros eram compilações de crônicas que fiz para a imprensa, sem muito prazer de escrever, mas porque precisava sustentar-me”,* recorda ela. *“Na verdade, eu não gosto de escrever e se eu morrer agora, não vão encontrar nada inédito na minha casa”.*

Recebe, em 06-12-2000, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Em 2003, é inaugurado em Quixadá (CE), o Centro Cultural Rachel de Queiroz.

Faleceu, dormindo em sua rede, no dia 04-11-2003, na cidade do Rio de Janeiro. Deixou, aguardando publicação, o livro "Visões: Maurício Albano e Rachel de Queiroz", uma fusão de imagens do Ceará fotografadas por Maurício com textos de Rachel de Queiroz.

R



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Patrícia Galvão

Patrícia Rehder Galvão nasceu em São João da Boa Vista (SP) em 1907.

Jornalista e escritora, mais conhecida por Pagu, casou-se em 1930 com o escritor modernista Oswald de Andrade. No ano seguinte, ingressou no Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB), vindo a editar, pouco depois, juntamente com Oswald e Queirós Lima, o jornal panfletário O Homem do Povo que, empastelado pelos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, só teve oito números.

Preso como agitadora numa greve de estivadores em Santos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como indicadora de lugares num cinema da Cinelândia, ao mesmo tempo em que fazia parte dos grupos de "autodefesa" que protegiam os oradores nos comícios e reuniões do PCB. De volta a São Paulo, lançou, no início de 1933, Parque industrial - romance proletário, assinando-se sob o pseudônimo de Mara Lobo, obra de nítida inspiração marxista.

No final daquele ano, iniciou longa viagem de volta ao mundo, enviando matérias para os jornais cariocas *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*, e o *Diário da Noite*, de São Paulo. Nos Estados Unidos, esteve em Hollywood, onde entrevistou cineastas e atores. Na Manchúria, assistiu à coroação do último imperador chinês, o príncipe Pu-Yi, proclamado soberano do estado-fantoches de Mandchukuo, criado pelos japoneses. Na China, entrevistou Sigmund Freud, que encontrava-se naquele país em viagem de recreio. Entrou na União Soviética por Vladivostok, chegando a Moscou depois de oito dias de viagem de trem pela Transiberiana. Em Paris desde meados de 1934, assistiu cursos da Universidade Popular e ingressou no Partido Comunista Francês. Participou dos movimentos de rua em defesa do governo da Frente Popular, união dos partidos de esquerda, tendo sido detida três vezes. Depois da queda da Frente Popular, foi presa como militante comunista estrangeira, sendo salva da deportação para a Alemanha pelo embaixador Sousa Dantas, que conseguiu sua repatriação para o Brasil em novembro de 1935.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Separada de Oswald de Andrade, foi presa no final daquele ano, sob acusação de envolvimento no levante armado promovido no Rio de Janeiro por setores da Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente de esquerda que reunia comunistas, socialistas e outras correntes na luta contra o integralismo e o imperialismo. Condenada a dois anos de prisão, fugiu do hospital para onde foram transferida por motivo de doença, em 1937. Novamente detida em 1938, foi libertada em meados de 1940, tendo permanecido, no total, quatro anos e meio na prisão. Nesse mesmo ano, desligou-se do PCB. Em 1945, lançou a famosa revista (1945), escrita em colaboração com Geraldo Ferraz, seu companheiro desde 1940, e voltou a escrever na imprensa paulista, sobretudo como crítica literária.

Em 1950, concorreu a uma cadeira na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, na legenda do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Como parte de sua campanha eleitoral, lançou o panfleto político *Verdade e liberdade*, no qual, além de explicar as razões de sua candidatura, rememorava os tempos de prisão e atacava o PCB. Não conseguiu, contudo, eleger-se.

Na década de 50, paralelamente à sua atuação na imprensa, passou a interessar-se por teatro, vindo a traduzir diversas peças de autores europeus, entre as quais *A cantora careca*, de Ionesco.

Faleceu em Santos (SP), em 1962.

57



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



HEITOR VILLA-LOBOS

(1887-1959)

Biografia

Heitor Villa-Lobos nasceu no dia 5 de março de 1887, no Rio de Janeiro. Era filho de Noêmia e Raul Villa-Lobos. O pai, músico amador e funcionário da Biblioteca Nacional, organizava na casa da família animados encontros musicais, onde celebridades da época tocavam até altas horas da noite. E foi Raul que iniciou o filho em teoria musical e, principalmente, no violoncelo - adaptou uma viola para que Heitor, com seis anos, pudesse praticar, já que violoncelos são grandes para crianças.

A família mudava constantemente, e partiu do Rio de Janeiro para cidades do interior do estado e Minas Gerais. Lá, o pequeno conheceu uma música diferente que influenciaria mais tarde sua obra: a música do sertão, com suas modas de violas, e a música folclórica. Mas Heitor (ou "Tuhú", como os familiares o chamavam) haveria de tornar-se órfão de pai em 1899, quando já voltara ao Rio de Janeiro, aos doze anos. Interrompeu seus estudos formais de música e começou a tocar violoncelo em cafés e teatros, além de se aproximar dos choros, música instrumental típica da cidade. Reflexo disso, começou a estudar violão.

Em 1905, resolveu viajar e conhecer o Brasil. Passou pelo Espírito Santo, Pernambuco e Bahia, onde recolhia temas folclóricos e tomava contato com a cultura popular. Nos anos seguintes, mais viagens: para o sul, para o centro-oeste e - especula-se - para a Amazônia, que teria o impressionado vivamente. Oficializou a vida de andarilho em 1910, quando foi contratado por uma companhia itinerante de operetas, como violoncelista. A companhia se dissolveu em Recife, mas Villa-Lobos aproveitou para conhecer Fortaleza, Belém e até a ilha de Barbados, nas Antilhas.

Enquanto fazia sua imersão na cultura popular, Villa-Lobos não deixou de estudar: não largava o Cours de Composition Musicale do compositor francês Vincent d'Indy, que acabou por tornar-se a maior influência sobre o compositor no início de carreira, juntamente com Wagner e Puccini.

Sua estréia pública como compositor ocorreu em 1915, no Rio de Janeiro, em uma série de concertos de sua obra. Começou a tornar-se conhecido - e também criticado pela imprensa. Foi apresentado ao compositor francês Darius Milhaud e ao célebre pianista Arthur Rubinstein, que passou a executar a Prole do Bebê em suas excursões pelo mundo.

Villa-Lobos foi se tornando uma figura pública. Em 1922, convidado por Graça Aranha, participou da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e apresentou algumas de suas obras. Foi, como os demais modernistas, vaiado pelo público, tão conservador quanto os críticos que o atacavam nos jornais.

Em 1923, talvez o maior acontecimento de sua vida. Apoiado por um grupo de amigos, Villa-Lobos obteve da Câmara dos Deputados financiamento para viajar para Paris, tanto para se apresentar como para tomar contato com as vanguardas européias. Villa ficou um ano na capital francesa, onde deu concertos e conheceu compositores como Ravel e Varèse, que se tornaram seus amigos. Também conseguiu - por intermédio do amigo Arthur Rubinstein - um editor, Max Eschig.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Quando retornou ao Rio de Janeiro, em 24, Manuel Bandeira - que colaborou algumas vezes com o compositor - escreveu um famoso artigo na revista Ariel que é bastante revelador:

"Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. Quem chega de Paris espera-se que chegue cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou cheio de Villa-Lobos. Todavia uma coisa o abalou perigosamente: a Sagração da Primavera de Stravinsky. Foi, confessou-me ele, a maior emoção musical da sua vida."

Ele voltaria à Paris em 1927, para ficar mais três anos. Foi uma passagem ainda mais gloriosa. Fez turnês pela Europa e conquistava admiradores. Planejava permanecer lá. Em 30, retornou para o Brasil, para realizar um concerto em São Paulo. Era um regresso temporário, mas acabou entregando um projeto de educação musical à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que foi aprovado, e ficou em definitivo.

Villa ficou dois anos em São Paulo, organizando o ensino musical e, principalmente, promovendo o canto orfeônico (coral). Chegou a reger doze mil vozes em uma cerimônia na capital paulista. O êxito o levou a ser convidado pelo secretário de educação do Rio de Janeiro, para coordenar a criação da SEMA - Superintendência de Educação Musical e Artística, que seria responsável pela introdução do ensino musical e do canto coral nas escolas.

Obteve o apoio de Getúlio Vargas, que havia tomado o poder no Golpe de 1930, que o designou supervisor da educação musical em todo o Brasil. Nesse período, criou diversos cursos, elaborou o Guia Prático (uma série de peças de caráter pedagógico), regia a primeira apresentação da Missa em Si Menor de Bach no Rio de Janeiro, compunha (as suítes Descobrimiento do Brasil e algumas Bachianas Brasileiras, entre outras obras), enfim, não parava. E ainda tinha tempo de promover o canto orfeônico, inclusive com apresentações corais de proporções gigantescas: em 1940, regeu uma massa impressionante de quarenta mil estudantes, no estádio de São Januário, Rio.

Era uma celebridade, ao mesmo tempo oficial e popular. No exterior sua fama também crescia - em 43 foi agraciado com o título de doutor honoris causa pela Universidade de Nova York, e no ano seguinte partiu para uma grande turnê pelos Estados Unidos, onde seria aclamado como o "maior compositor das Américas".

Em 1948 o ritmo frenético foi interrompido por uma cirurgia - a retirada de um tumor maligno, feita nos Estados Unidos. Mas não parou por muito mais tempo. Voltou para Paris, onde passou a reger freqüentemente a Orquestra da Radiodifusão Francesa, com quem fez inúmeras gravações. Esses registros, feitos entre 1954 e 58, foram lançados em disco pela EMI e tornaram-se fundamentais para o entendimento da obra de Villa-Lobos.

No final dos anos 50, Villa vivia entre o Rio de Janeiro e Paris. Em setembro de 1959, estava no Rio, quando o câncer agravou-se. Após uma breve recuperação, no dia 17 de novembro de 1959 Heitor Villa-Lobos viria a falecer em seu apartamento. Tinha 72 anos.

Infância.

A 5 de março de 1887, nascia Heitor Villa-Lobos, na Rua Ipiranga, bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. Sua mãe, Noêmia Villa-Lobos, cuidava dos filhos e da casa. Seu pai, Raul Villa-Lobos, era funcionário da Biblioteca Nacional e dedicava-se à música, como amador.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Na casa dos Villa-Lobos, todos os sábados, nomes respeitados da época reuniam-se para tocar até altas horas da madrugada. Esse hábito, que durou anos, influenciou decisivamente na formação musical de Villa-Lobos que, logo cedo, iniciou-se na música. Aos seis anos de idade, aprendeu a tocar violoncelo com o pai, em uma viola especialmente adaptada. Foi também nessa época - e graças à sua tia Fifinha que lhe apresentou os Prelúdios e Fugas do "Cravo Bem Temperado" - que "Tuhú" (seu apelido de infância) fascinou-se pela obra de Johann Sebastian Bach, compositor que acabou por lhe servir de fonte de inspiração para a criação de um de seus mais importantes ciclos, o das nove "Bachianas Brasileiras".

Além da cidade do Rio de Janeiro, Villa-Lobos residiu com a família em cidades do interior do Estado e também de Minas Gerais. Nessas viagens, entrou em contato com uma música diferente da que estava acostumado a ouvir: modas caipiras, tocadores de viola, enfim, uma parte do folclore musical brasileiro que, mais tarde, viria a universalizar-se através de suas obras.

O contato com os chorões.

Ao voltar ao Rio de Janeiro, a música praticada nas ruas e praças da cidade também passou a exercer-lhe um atrativo especial. Era o "choro", composto e executado pelos "chorões", músicos que se reuniam regularmente para tocar por prazer e, ainda, em festas e durante o carnaval. Tal interesse levou-o a estudar violão escondido de seus pais, que não aprovavam sua aproximação com os autores daquele gênero, pois eram considerados marginais.

Com a morte de Raul Villa-Lobos, em 1899, D. Noêmia não conseguiu mais conter o filho. No início dos anos 20, como conseqüência desse envolvimento com o choro, começaria a compor um ciclo de quatorze obras, para as mais diversas formações, intitulado "Choros"; nascia aí uma nova forma musical, onde aquela música urbana se mesclava a modernas técnicas de composição.

As viagens pelo Brasil.

Em 1905, Villa-Lobos partiu em viagens pelo Brasil. Visitou os estados do Espírito Santo, Bahia e Pernambuco, passando temporadas em engenhos e fazendas do interior, em busca do folclore local. Tempos depois, seguia para outra viagem - uma excursão pelo interior dos estados do Norte e Nordeste - que se estenderia por mais de três anos. Foi nesse momento que teria conhecido a Amazônia - fato ainda não comprovado - o que teria marcado profundamente sua obra.

Por onde passava, Villa-Lobos ia recolhendo temas folclóricos que utilizaria em suas composições, como no "Uirapuru", e em seu futuro trabalho de educação musical, através da coleção "Guia Prático".

A maioria artística.

O ano de 1915 marca o início da apresentação oficial de Villa-Lobos como compositor, com uma série de concertos no Rio de Janeiro. Na época, casado com a pianista Lucília



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Guimarães, ganhava a vida tocando violoncelo nas orquestras dos teatros e cinemas cariocas, ao mesmo tempo em que escrevia suas obras. Os jornais publicavam críticas contra a modernidade de sua música. Anos mais tarde, o compositor fez questão de explicar:

"Não escrevo dissonante para ser moderno. De maneira nenhuma. O que escrevo é consequência cósmica dos estudos que fiz, da síntese a que cheguei para espelhar uma natureza como a do Brasil. Quando procurei formar a minha cultura, guiado pelo meu próprio instinto e tirocinio, verifiquei que só poderia chegar a uma conclusão de saber consciente, pesquisando, estudando obras que, à primeira vista, nada tinham de musicais. Assim, o meu primeiro livro foi o mapa do Brasil, o Brasil que eu palmilhei, cidade por cidade, estado por estado, floresta por floresta, perscrutando a alma de uma terra. Depois, o caráter dos homens dessa terra. Depois, as maravilhas naturais dessa terra. Prossegui, confrontando esses meus estudos com obras estrangeiras, e procurei um ponto de apoio para firmar o personalismo e a inalterabilidade das minhas idéias".

A Semana de Arte Moderna.

No Brasil do início do século, a influência européia e a permanência do espírito conservador do fim de século incomodavam a juventude, que começava a reagir a tudo isso. Surgiu, então, um movimento chamado Modernista que, em fevereiro de 1922, foi oficializado em São Paulo, através da Semana de Arte Moderna. Atividades de vários campos da arte foram apresentadas no Teatro Municipal daquela cidade.

Convidado por Graça Aranha, Villa-Lobos aceitou participar dos três espetáculos da "Semana", apresentando, dentre outras obras, as "Danças Características Africanas".

As primeiras viagens a Europa.

Já bastante conhecido no meio musical brasileiro, alguns de seus amigos começaram a incentivá-lo a ir à Europa, e apresentaram à Câmara dos Deputados um projeto para financiar sua ida a Paris. A proposta foi aprovada e Villa-Lobos partiu, em 1923, para o que seria sua primeira viagem ao Velho Continente. Chegou com mentalidade própria e se impôs em menos de um ano. Um grupo de amigos ajudou-o nas despesas e apresentou-o aos editores Max-Eschig, enquanto o pianista Arthur Rubinstein - que já o conhecia do Brasil - e a soprano Vera Janacópulus divulgavam suas obras em recitais por vários países.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1924, Villa-Lobos foi assim saudado pelo poeta Manuel Bandeira:

"Villa-Lobos acaba de chegar de Paris. Quem chega de Paris espera-se que chegue cheio de Paris. Entretanto, Villa-Lobos chegou cheio de Villa-Lobos. Todavia uma coisa o abalou perigosamente: a "Sagração da Primavera", de Stravinsky. Foi, confessou-me ele, a maior emoção musical da sua vida.(...)".

Em 1927, o compositor retornou a Paris para organizar concertos e publicar várias obras. Fez amigos, e muitos artistas de renome freqüentavam sua casa e participavam das feijoadas dos domingos. A partir dessa segunda temporada na capital francesa, ganhou prestígio internacional, apresentando suas composições em recitais e regendo orquestras nas

61



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



principais capitais européias, causando forte impressão, ao mesmo tempo em que provocava reações por suas ousadias musicais.

No segundo semestre de 1930, Villa-Lobos - a convite - retornava provisoriamente ao Brasil para a realização de um concerto em São Paulo. Contudo, não previa que, neste seu retorno, estaria inaugurando um novo capítulo em sua biografia.

Villa-Lobos, o educador.

Villa-Lobos preocupava-se com o descaso com que a música era tratada nas escolas brasileiras e acabou por apresentar um revolucionário plano de Educação Musical à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A aprovação do seu projeto levou-o a mudar-se definitivamente para o Brasil.

Em 1931, reunindo representações de todas as classes sociais paulistas, organizou uma Concentração Orfeônica chamada "Exortação Cívica", com a participação de cerca de 12 mil vozes.

Após dois anos de trabalho em São Paulo, Villa-Lobos foi convidado oficialmente pelo Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro - Anísio Teixeira - para organizar e dirigir a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), que introduzia o ensino da Música e o Canto Coral nas escolas.

Como conseqüência do seu trabalho educativo, viajou de Zeppelin, em 1936, para a Europa, representando o Brasil no Congresso de Educação Musical em Praga. Com o apoio do então Presidente da República, Getúlio Vargas, organizou Concentrações Orfeônicas grandiosas que chegaram a reunir, sob sua regência, até 40 mil escolares e, em 1942, terminou por criar o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, cujo objetivo era formar candidatos ao magistério orfeônico nas escolas primárias e secundárias, estudar e elaborar diretrizes para o ensino do Canto Orfeônico no Brasil, promover trabalhos de musicologia brasileira, realizar gravações de discos, etc.

O compositor das Américas chega aos Estados Unidos.

"Irei aos Estados Unidos somente quando os americanos quiserem me receber como eles recebem a um artista europeu, isto é, em razão das minhas próprias qualidades e não por considerações políticas..."

Apesar dessa resistência inicial (era o momento da chamada "política da boa vizinhança" praticada pelos EUA com aliados na 2ª Guerra Mundial), Villa-Lobos, convencido pelo Maestro Leopold Stokowski, seu amigo desde Paris, aceitou o convite do Maestro norte-americano Werner Janssen para uma turnê pelos EUA, em 1944.

A partir daí, retornou àquele país várias vezes, onde regeu e gravou suas obras, recebeu homenagens e encomendas de novas partituras, além de ter travado contato com grandes nomes da música norte-americana, fechando, assim, o ciclo de sua consagração internacional.

CRONOLOGIA

62



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



- 1887: Nasce no Rio de Janeiro a 5 de Março.
- 1897: Aprende violoncelo com o pai.
- 1903: Aperfeiçoa a técnica de violoncelo com Breno Niemberg.
- 1905: Começo de uma vida errante pelo Brasil de Norte a Sul, que durará 8 anos.
- 1907: Curta passagem pelo Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, tendo aulas de Harmonia com Frederico Nascimento.
- 1913: Fixa-se no Rio de Janeiro. Ganha a vida a tocar em teatros de revista e de opereta.
- 1915: Realiza o primeiro concerto de obras suas, dando início ao modernismo brasileiro.
- 1918: Acaba a ópera Izaht.
- 1919: Apresenta o Quarteto Op. 15 em Buenos Aires. Compõe a suíte para piano Prole do bebê.
- 1922: A Semana da Arte Moderna de São Paulo consagra-o como compositor.
- 1923: Viagem à Europa. Paris passa a ser a sua segunda cidade.
- 1924: Consagração em Paris. O pianista Arthur Rubinstein interpreta Prole do bebê.
- 1926: Realiza três festivais sinfônicos para a Associação Wagneriana de Buenos Aires.
- 1927: Volta à Europa. Dirige obras suas à frente das mais prestigiadas orquestras europeias. Em Lisboa dirige a Sinfônica portuguesa. É professor de composição do Conservatório Internacional de Paris e faz parte do Comité d'Honneur.
- 1930: Regressa ao Brasil. Compõe os Choros. Apresenta programa educacional. Dá concertos em S. Paulo. Compõe as Bachianas Brasileiras.
- 1932: É nomeado para dirigir a Superintendência da Educação Musical e Artística.
- 1936: Casa com a jovem cantora Arminda Neves de Almeida.
- 1937: É membro honorário da Academia de Santa Cecília de Roma.
- 1942: Dirige o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Cria a sua própria orquestra sinfônica.
- 1943: É nomeado Doutor em Música Honoris Causa pela Universidade de Nova Iorque e também pela Universidade de Los Angeles.
- 1945: Fundador e presidente da Academia Brasileira de Música.
- 1947: Ganha o prêmio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.
- 1948: A sua ópera Malazarte é estreada nos Estados Unidos.
- 1954: Visita Israel a convite do governo de Tel-Aviv de que resulta a obra A odisséia de uma raça.
- 1959: Morre no Rio de Janeiro a 17 de Novembro.

OBRAS

Villa-Lobos, na história da música brasileira, é uma espécie de Bach, Beethoven e Stravinsky em um homem só. Como Bach, que não foi o primeiro, mas foi o "pai da música", Villa-Lobos também não foi o primeiro compositor brasileiro que colocou a cultura popular e o folclore na música de concerto, mas atingiu um nível de qualidade que o tornou o pai da música brasileira. Como Beethoven, praticou todas as formas clássicas e tornou-se um grande e venerável monumento musical, que ninguém ousa profanar. E, como Stravinsky, alinhou-se com as vanguardas de sua época e ousou, compondo músicas absolutamente modernas que fizeram a crítica conservadora chiar.

E criava como se fosse três: Villa-Lobos nos deixou mais de 1000 obras, ainda não completamente catalogadas! Compunha sem parar - aliás, não parava em nenhum aspecto, já que dava concertos, organizava instituições, planejava o ensino musical brasileiro, tudo ao mesmo tempo...



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Daí as duas principais críticas que são feitas à sua obra: a irregularidade e a prolixidade.

De fato, há altos e baixos na produção villa-lobiana, o que é absolutamente natural pelo tamanho de sua obra e pela rapidez com que ela foi feita. Nem tudo poderia ser obra-prima.

Quanto à prolixidade, ela, de certa forma, faz parte do estilo do compositor, dono de uma música rica e abundante que parecia jorrar de maneira ininterrupta de sua imaginação.

Era um Amazonas musical. Tom Jobim, que o conheceu pessoalmente, gostava de contar uma história que é bastante característica. Certa ocasião, ele foi à casa de Villa-Lobos e o encontrou, como sempre, compondo. Mas era um dia especialmente ruidoso, com grande agitação na casa e na rua, e a janela estava aberta. Tom lhe perguntou como conseguia compor com aquele barulho. A resposta:

“O ouvido de fora não tem nada a ver com o ouvido de dentro. Além disso, minha música é algo vivo: se passar o bonde na rua, eu boto ele na minha sinfonia também.”

Outra fonte de críticas a Villa-Lobos foi sua adesão ao Estado Novo de Vargas, ao se tornar o músico oficial da ditadura e o principal organizador da educação musical brasileira. Compunha músicas para cerimônias públicas, geralmente de exaltação à pátria, e regia grandes, enormes, corais, em demonstrações grandiloquentes de canto orfeônico. Teria o músico de vanguarda tornado-se um músico de gabinete?

Essa mudança de rumos refletiu-se em seu estilo como compositor. Estudiosos dividem a obra em três períodos: o primeiro é o modernista, que corresponde aos primeiros anos em Paris e à Semana de Arte Moderna; o segundo é o oficial, das cerimônias públicas e das obras nacionalistas; o terceiro é o neoclássico, das Bachianas Brasileiras. Não há fronteira clara entre os dois últimos períodos, que ocorrem quase que simultaneamente.

Vanguarda

Como já foi citado, as primeiras influências de Villa-Lobos como compositor foram Wagner, Puccini e, principalmente, Vincent d'Indy. Mas sua originalidade logo o aproximariam das vanguardas européias, notadamente Stravinsky. Alguns aspectos fundamentais das obras desta fase: ênfase no ritmo (o que se reflete no destaque que dava aos instrumentos de percussão) e combinação ousada de timbres.

Os Choros, para diversas (e insólitas) combinações instrumentais talvez sejam as obras mais importantes do período. Ficaram muito conhecidos os de no. 2, no. 4, no. 5 (Alma Brasileira), os Choros Bis e no. 7 (Setimino) - o último, para flauta, oboé, clarinete, saxofone, fagote, violino, violoncelo e tam-tam.

Instrumentação original também encontramos no Noneto, escrito em 1923: flauta, oboé, clarinete, fagote, celesta, harpa, piano, bateria e coro misto.

Mesmo quando escrevia para piano, pensava em uma orquestra. O exemplo célebre é o Rudepoema, finalizado em 1926 e dedicado a Arthur Rubinstein. É um verdadeira Sagração da Primavera para piano solo. A ousadia era tão grande que o pianista polonês não incluiu a



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



peça em seu repertório - além de ficar um tanto assustado quando soube que ela era um retrato de sua alma.

Outras obras importantes são a primeira suíte Prole do Bebê - esta sim conquistou Rubinstein - e o Momoprecoce, para piano e orquestra.

Nacionalismo

Na verdade, Villa-Lobos nunca deixou de usar o folclore, a cultura e os temas brasileiros em suas obras. O termo nacionalismo aqui usado refere-se a um tipo de nacionalismo de exaltação, patriota e ufanista, um tanto ingênuo, que serviu aos propósitos do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Não devemos crucificar o compositor por ter se ligado à ditadura. Mas as obras dessa época são, talvez, as menos representativas de sua produção. Um exemplo típico é o coro *Invocação em Defesa da Pátria*, composto para o embarque dos pracinhas que iriam para a Segunda Guerra Mundial, sobre poema de Manuel Bandeira.

Muito mais interessantes são as suítes *Descobrimento do Brasil*, compostas em 1937. A última delas apresenta a *Primeira Missa no Brasil*, onde são sobrepostas melodias e danças indígenas ao canto gregoriano católico.

Neoclassicismo

Acompanhando alguns compositores importantes da época, como Stravinsky, e talvez cansado do esforço de se manter sempre à vanguarda, Villa-Lobos começou a escrever música mais relaxada, onde se revela forte a influência de Bach: é sua fase neoclássica, ou neobarroca, como chamada por alguns.

O conjunto mais conhecido do período, e de toda a obra de Villa-Lobos, é o das *Bachianas Brasileiras*. São nove, ao todo, e foram compostas entre 1930 e 45. As mais conhecidas são justamente a que figuram no clássico disco que o autor gravou para a EMI: a primeira, para orquestra de violoncelos, a segunda, para orquestra sinfônica, a quinta, para soprano e oito violoncelos, e a nona, para orquestra de cordas.

O famoso *Trenzinho do Caipira* é o quarto movimento da segunda *Bachiana*; a *Cantilena*, igualmente célebre, é o primeiro movimento da quinta *Bachiana*.

Para violão, os *Prelúdios*, compostos em 1940, não devem nada aos de Bach. O *Concerto para Violão e Orquestra*, escrito em 1951 para atender um pedido do violonista Andrés Segóvia, tornou-se bastante conhecido.

Vários dos mais importantes quartetos de cordas (no total, 17) também foram compostos nesta fase, principalmente os últimos dez. Algumas das doze sinfonias também foram escritas no período: a sexta (*Sobre a linha das montanhas do Brasil*), a décima (*Sumé Pater Patrium*) e a décima - segunda são as mais expressivas.

Outras obras de características marcadamente neoclássicas são os cinco concertos para piano e orquestra. O quinto é o mais conhecido.

65



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Posto isto, Etelvino Nogueira, Vereador da Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque, usando das atribuições que lhe são conferidas, por intermédio do Protocolo sob nº 1.348, de 02/05/2006, apresenta ao Egrégio Plenário o seguinte Projeto de Lei:

PROJETO DE LEI Nº 11-L, DE 02 DE MAIO DE 2006.

Dá denominação às vias públicas localizadas na Vila Darcy Penteado, Distrito de Mailasqui.

O Prefeito da Estância Turística de São Roque,

Faço saber que a Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada “**Rua Anita Catarina Malfatti**”, a via pública conhecida como Rua 2, que tem início na Estrada dos Cannos e término à margem da ferrovia, conta com 700,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 2º Fica denominada “**Rua Tarsila do Amaral**”, a via pública conhecida como Rua 3, que tem início na “Rua Anita Catarina Malfatti” e término em propriedade particular, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

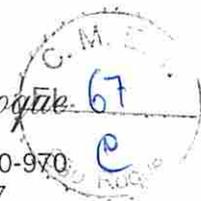
Art. 3º Fica denominada “**Rua Oswald de Andrade**”, a via pública conhecida como Caminho Existente, que tem início na “Rua Anita Catarina Malfatti” e término em propriedade particular, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 4º Fica denominada “**Rua Caio Prado Júnior**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na “Rua Humberto de Mauro”, conta com 1.150,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Art. 5º Fica denominada “**Rua Renato Vianna**”, a via pública com início na Rua Delgado Orlando Fernandes e término na Estrada São João Novo, conta com 3.400,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 6º Fica denominada “**Rua Humberto de Mauro**”, a via pública com início no cruzamento da “Rua Caio Prado Júnior” e que vai à Estrada São João Novo, conta com 2.250,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura. ✓

Art. 7º Fica denominada “**Rua Cora Coralina**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na portaria do Hotel Villa Rossa, conta com 300,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 8º Fica denominada “**Rua Luiz da Câmara Cascudo**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na Rua Carlos Ghirardello, conta com 1.125,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 9º Fica denominada “**Rua Emiliano Di Cavalcanti**”, a via pública com início na Rua Carlos Ghirardello e término na Estrada Municipal Mário de Andrade, conta com 1.600,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 10 Fica denominada “**Rua Roberto Burle Marx**”, a via pública com início no cruzamento da “Rua Caio Prado Júnior” e “Rua Humberto de Mauro”, conta com 1.200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 11 Fica denominada “**Rua Candido Portinari**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término em propriedade particular, conta com 200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 12 Fica denominada “**Rua Victor Brecheret**”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro” e término na “Estrada Juvenal Rocha”, conta com 1.200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 13 Fica denominada “**Rua Rachel de Queiroz**”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro” e término num balão de retorno, no loteamento Sítio Mawassu, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura. ✓



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Art. 14 Fica denominada “Rua Patrícia Galvão”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro”, próximo ao condomínio Mirante da Serra e término em uma propriedade particular, conta com 560,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

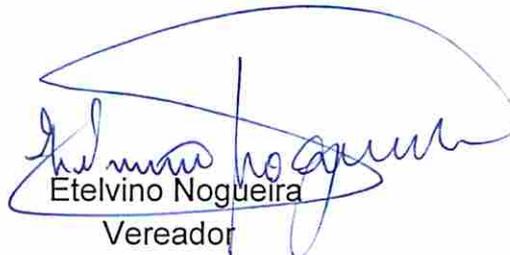
Art. 15 Fica denominada “Rua Heitor Villa-Lobos”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro”, defronte ao início da Estrada São João Novo e término em propriedade particular, conta com 550,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 16 Faz parte da presente Lei cópia da planta e Certidão sob nº 32/2005 das vias públicas denominadas.

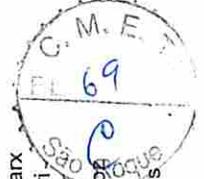
Art. 17 As despesas decorrentes com a execução desta Lei correrão por conta de dotação própria do orçamento vigente.

Art. 18 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

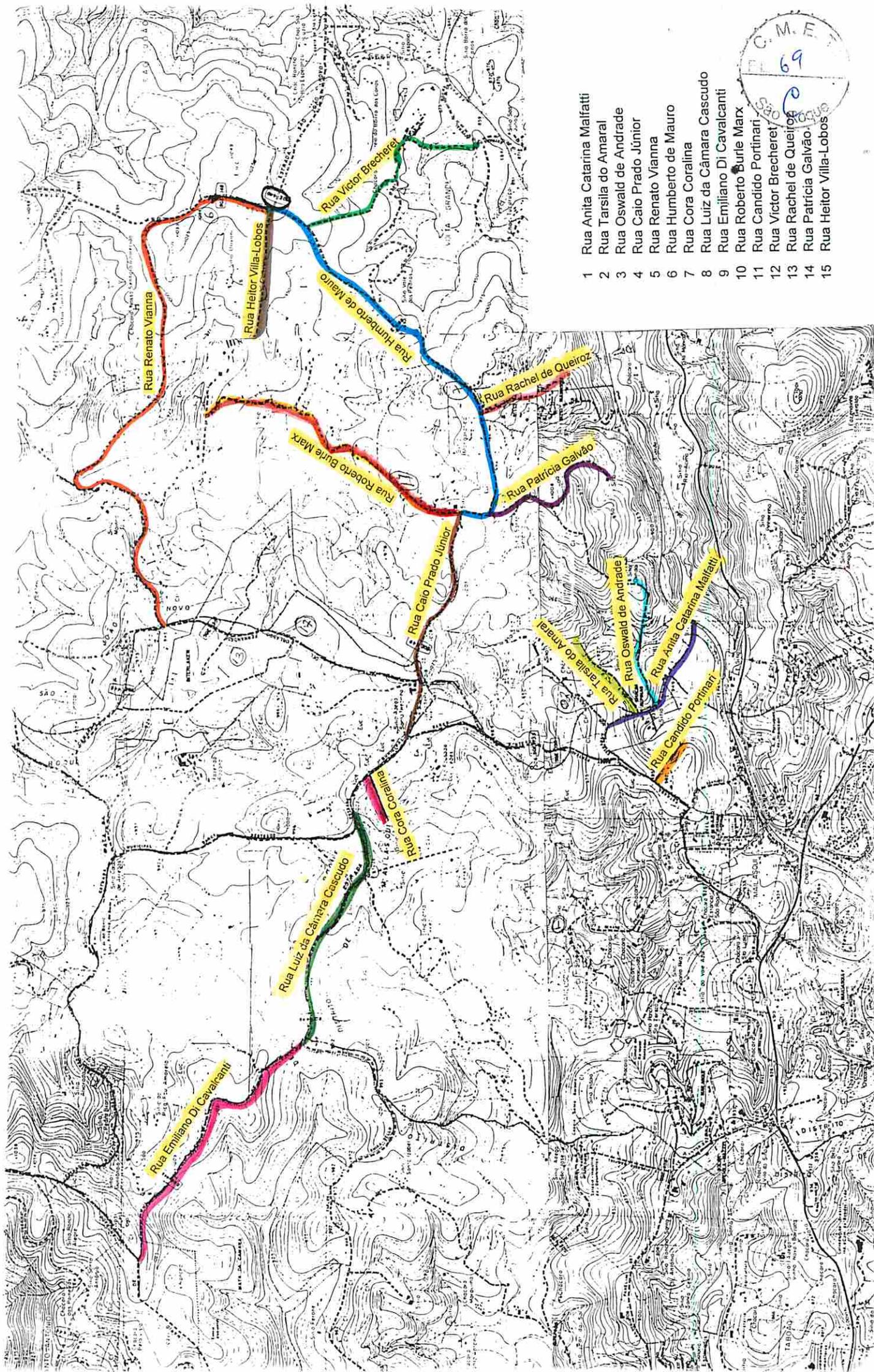
Sala das Sessões, Dr. Júlio Arantes de Freitas, 2 de maio de 2006.

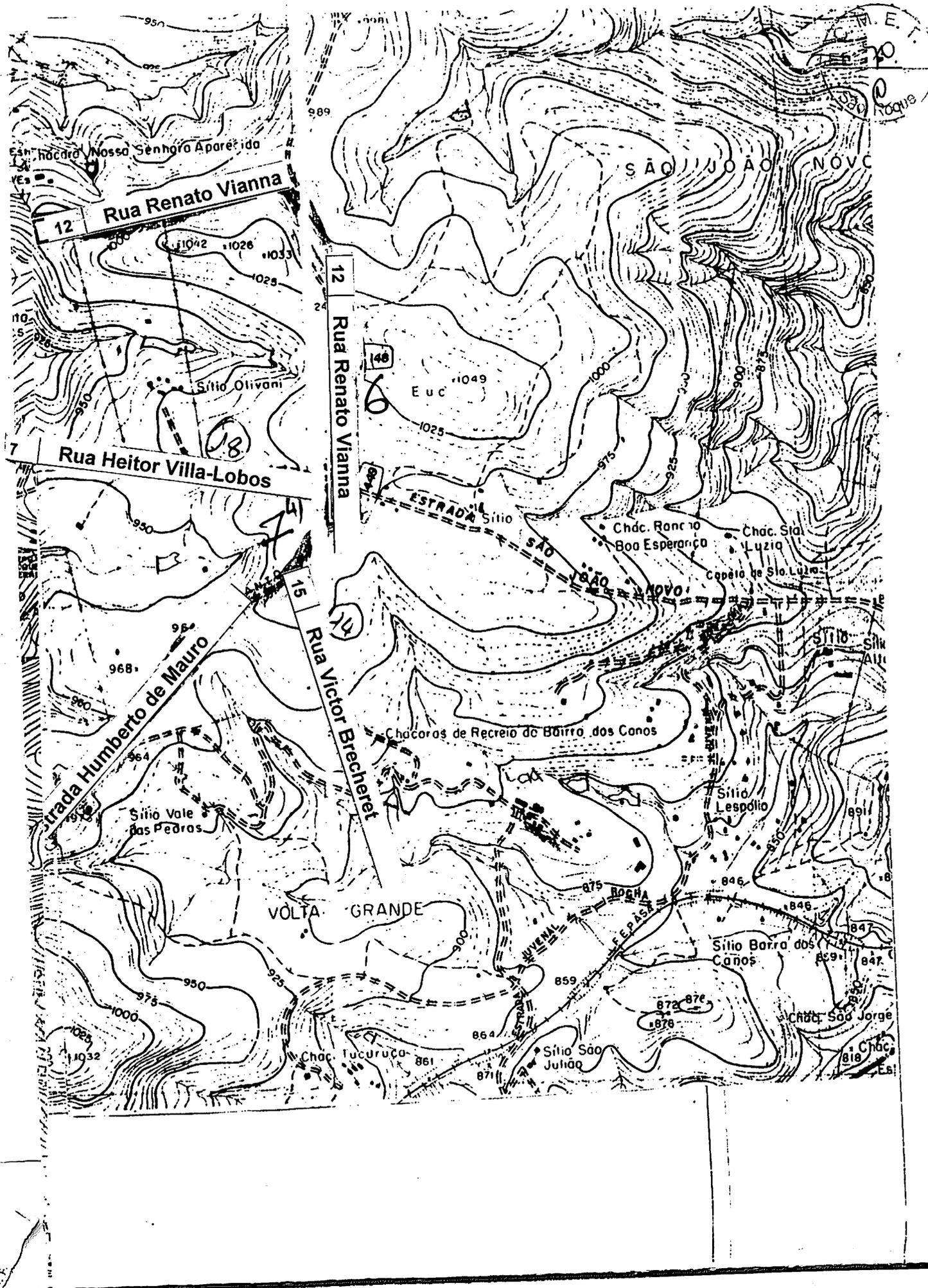

Etelvino Nogueira
Vereador

/sgrc.



- 1 Rua Anita Catarina Malfatti
- 2 Rua Tarsila do Amaral
- 3 Rua Oswald de Andrade
- 4 Rua Caio Prado Júnior
- 5 Rua Renato Vianna
- 6 Rua Humberto de Mauro
- 7 Rua Cora Coralina
- 8 Rua Luiz da Câmara Cascudo
- 9 Rua Emiliano Di Cavalcanti
- 10 Rua Roberto Burle Marx
- 11 Rua Candido Portinari
- 12 Rua Victor Brecheret
- 13 Rua Rachel de Queiroz
- 14 Rua Patrícia Galvão
- 15 Rua Heitor Villa-Lobos





Est. Nossa Senhora Aparecida

12 Rua Renato Vianna

Sítio Olivani

7 Rua Heitor Villa-Lobos

12 Rua Renato Vianna

Euc 1049

SÃO JOÃO NOVO

ESTRADA Sítio

Chác. Rancho Boa Esperança

Chác. Sta. Luzia

Capela de Sta. Luzia

15 Estrada Humberto de Mauro

15 Rua Victor Brechert

Chácara de Recreio do Bairro dos Canos

Sítio Vale das Pedras

Sítio Leopoldo

VOLTA GRANDE

BOCHA

Sítio Barra dos Canos

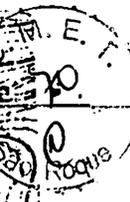
1000

Chác. Tucuruçu

Sítio São João

Chác. São Jorge

Chác. São Jorge





PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO ROQUE



DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E MEIO AMBIENTE

DIVISÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CERTIDÃO N.º 0032/05

Certifico, conforme solicitado através do Ofício n.º 872/2005- GPC da Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque verificamos que, a Rua com início na Rua Eduardo Santucci e término na ponte sobre o ribeirão do Bairro dos Cardoso, identificada no Ofício como:

- *“Rua 1”*; já foi oficializada com o nome de *“Rua Gennaro Teófilo”*, conforme a Lei n.º 2086 de 27/10/92,
- a Rua com início na Estrada dos Cannos e término à margem da ferrovia identificada no Ofício como *“Rua 2”*, faz parte do loteamento *Chácaras Alpinas* e identificada neste também como *“Rua 2”*; *não possui denominação oficial* e conta com 700,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Rua 2, identificada no Ofício como *“Rua 3”*, faz parte do loteamento *Chácaras Alpinas* e identificada neste como *Rua 1*, *não possui denominação oficial* e conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Rua 2, identificada no Ofício como *“Rua 4”*, faz parte do loteamento *Chácaras Alpina* e identificada neste como *Caminho Existente*; *não possui denominação oficial* e conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na Estrada sem denominação e identificada no Ofício como *“Rua 5”*; *não possui denominação oficial* e conta com 1.150,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,



PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO ROQUE



- a Rua com início na Rua Delegado Orlando Fernandes e término na Estrada São João Novo, identificada no Ofício como “Rua 6”; não possui denominação oficial e conta com 3,400,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início no cruzamento da Rua sem denominação e que vai em direção à Estrada São João Novo, identificada no Ofício como “Rua 7”, não possui denominação oficial e conta com 2.250,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na portaria do Hotel Villa Rossa; identificada no Ofício como “Rua 8”; não possui denominação oficial e conta com 300,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na Rua Carlos Ghirardelo, identificada no Ofício como “Rua 9”; não possui denominação oficial e conta com 1,125,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Rua Carlos Ghirardelo e término na Estrada Municipal Mário de Andrade, identificada no Ofício como “Rua 10”; não possui denominação oficial e conta com 1,600,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início no cruzamento de 2 estradas sem denominação, identificadas no Ofício como “Rua 11”; não possui denominação oficial e conta com 1.200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Estrada Municipal Darcy Penteado, identificada no Ofício como “Rua 12”; não possui denominação oficial e conta com 200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Rua Delegado Orlando Fernandes, identificada no Ofício como “Rua 13”, trata-se de rua pertencente ao condomínio “Interlaken” ou seja, é uma via particular,
- a Rua com início na Estrada sem denominação e término na Estrada Juvenal Rocha, identificada no Ofício como “Rua 14”, não possui denominação oficial e conta com 1,200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,
- a Rua com início na Estrada sem denominação e término num balão de retorno, identificada no Ofício como “Rua 15”, faz parte do loteamento Sítio Mavassu e



PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO ROQUE



identificada neste como Rua 2; **não possui denominação oficial** e conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura, ✓

- a Rua com início na Estrada sem denominação, próximo ao condomínio Mirante da Serra e término em uma propriedade particular, identificada no Ofício como “Rua 16”; **não possui denominação oficial** e conta com 560,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura,

- a Rua com início na Rua Delegado Orlando Fernandes, identificada no Ofício como “Rua 17”; trata-se de rua pertencente ao condomínio “Interlaken”, ou seja, **é uma via particular e,**

- a Rua com início na Estrada sem denominação, defronte ao início da Estrada São João Novo, identificada no Ofício como “Rua 18”; **não possui denominação oficial** e conta com 550,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura. Certifico ainda que, todas as ruas descritas nesta Certidão, são de domínio público oficialmente desde o ano de 1.979 e observamos que quanto as sugestões dos nomes : “Menotti Dell Pichia, Manoel Bandeira e Cecília Meireles”, já existem ruas neste Município com essas nomenclaturas.

O referido é verdade. Eu  (Sandra Aparecida Accussi Nogueira), digitei e providenciei a impressão. Eu  (Marcio Rogerio Merguizo), Diretor do Departamento de Planejamento e Meio Ambiente, certifiquei aos doze dias do mês de dezembro ano de dois mil e cinco.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Ofício nº 872/2005 – GPC

São Roque, 24 de outubro de 2005.

Senhor Prefeito,

Sirvo-me do presente para solicitar os bons ofícios de Vossa Excelência, para que, através do setor competente, seja expedida CERTIDÃO informando se as vias públicas abaixo, localizadas na Vila Darcy Penteado, apontadas em planta anexa, são oficiais, se possuem denominação oficial e há quanto tempo são de domínio público, bem como informar suas dimensões, como aduz o artigo 10 da mesma Lei.

VIA PÚBLICA	OPÇÃO DE DENOMINAÇÃO
Rua 1	Rua Caio Prado Junior
Rua 2	Rua Anita Catarina Malfatti
Rua 3	Rua Tarsila do Amaral
Rua 4	Rua Oswald de Andrade
Rua 5	Rua Menotti Del Picchia
Rua 6	Rua Renato Viana
Rua 7	Estrada Humberto de Mauro
Rua 8	Rua Cora Coralina
Rua 9	Rua Luiz da Camara Cascudo
Rua 10	Rua Emiliano Di Cavalcanti
Rua 11	Rua Manuel Bandeira
Rua 12	Rua Cândido Portinari
Rua 13	Rua Roberto Burle Marx
Rua 14	Rua Vitor Brecheret
Rua 15	Rua Rachel de Queiroz
Rua 16	Rua Patrícia Galvão
Rua 17	Rua Cecília Meireles
Rua 18	Rua Heitor Villa-Lobos



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Continuação Ofício 872/2005 – GPC

Na certeza de que Vossa Excelência dispensará especial atenção, desde já agradeço, renovando meus mais sinceros protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

EETELVINO NOGUEIRA

Presidente

Ao
Excelentíssimo Senhor
EFANEU NOLASCO GODINHO
DD. Prefeito da Estância Turística de
São Roque – SP

/cjr.



PARECER 62/2006

Parecer de admissibilidade ao projeto de lei nº 14/2005 L, de 05-09-2005, de autoria do Vereador Etelvino Nogueira, que dá denominação a vias públicas.

Apresenta o Vereador Etelvino Nogueira, Projeto de Lei 11-L, de 02 de maio de 2006, o qual dá denominação a vias públicas localizadas na Vila Darcy Penteadado, Distrito de Mailasqui.

A denominação de próprios, vias e logradouros públicos são de competência exclusiva da Câmara de Vereadores, por força do artigo 20, inciso XVI da Lei Orgânica Municipal.

Portanto, quanto à iniciativa, o Projeto de Lei em questão é legal.

O Projeto vem acompanhado da certidão da Prefeitura Municipal certificando que as ruas não possuem denominações e são vias públicas oficiais, salvo as Ruas 1 e 17, já oficializada anteriormente como Rua Gennaro Teófilo e por se tratar de via particular, respectivamente.

Em relação às denominações apresentadas às mesmas foram sugestões dos moradores da Vila Darcy Penteadado, e vem acompanhada da biografia do homenageado.



Formalmente inexistem irregularidades apresentadas pelo mesmo, estando apto a ser recebido pelo Plenário e após enviados para as comissões permanentes de Constituição, Justiça e Redação e Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Turismo.

E em relação ao mérito, a conveniência e oportunidade é de exclusiva competência dos nobres Vereadores.

É o parecer, s. m .j.

São Roque, 22 de maio de 2006.


FABIANA MARSON
Assessora Jurídica


OTÁVIO MORAES
Assessor Jurídico



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



COMISSÃO PERMANENTE DE CONSTITUIÇÃO JUSTIÇA E REDAÇÃO

Parecer nº 47, 26/05/2006

Projeto de Lei nº 11-L, de 02/05/2006

Relator: Vereador Raimundo Roberto Silva

O presente Projeto de Lei, que dá denominação às vias públicas localizadas na Vila Darcy Penteadó, Distrito de Mailasqui, foi encaminhado a esta Comissão em 24 de maio de 2006.

Em pauta, nos termos regimentais, a propositura não foi objeto de emenda.

A presente matéria foi analisada pela Assessoria Jurídica desta Casa, onde recebeu parecer favorável, e, posteriormente, encaminhada a esta Comissão para ser analisada consoante as regras previstas no inciso I do artigo 78 do Regimento Interno desta Casa de Leis.

Em o fazendo, verificamos que a propositura em questão não contraria as disposições legais vigentes, assim como aos princípios gerais de direito.

Desta forma, o Projeto em exame está em condições de ser aprovado no que diz respeito aos aspectos que cumprem a esta Comissão analisar, devidamente ressalvado o poder de deliberação do Egrégio Plenário desta Casa de Leis.

Sala das Comissões, 26 de maio de 2006.

Raimundo Roberto Silva
Relator

A Comissão Permanente de Constituição, Justiça e Redação aprovou o parecer do Relator em sua totalidade.

João Paulo de Oliveira
Presidente

Alfredo Fernandes Estrada
Secretário

{fls



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



COMISSÃO PERMANENTE DE SAÚDE, EDUCAÇÃO, CULTURA, LAZER E TURISMO

Parecer nº 05, de 01/06/06, ao

Projeto de Lei nº 11-L

Relator: Vereador Alacir Raysel

O presente projeto “Dá denominação às vias públicas localizadas na Vila Darcy Penteado, Distrito de Mailasqui”.

A presente matéria foi analisada pela Assessoria Jurídica desta Casa e posteriormente pela Comissão Permanente de Constituição, Justiça e Redação, onde recebeu pareceres favoráveis.

Nos aspectos que cabem a esta Comissão analisar, verificamos que inexistem óbices quanto à natureza e iniciativa da propositura em pauta.

Assim sendo, somos favoráveis à aprovação do **Projeto de Lei nº 11-L**, de 02/05/2006, de autoria do Vereador Etelvino Nogueira, devidamente ressalvado o poder de deliberação do Egrégio Plenário desta Casa de Leis.

Sala das Comissões, 01 de junho de 2006.


Alacir Raysel

Vice-Presidente-Relator

A Comissão Permanente de Saúde, Educação, Cultura, Lazer e Turismo aprovou o parecer do Relator em sua totalidade.


Antonio Marcos Carvalho de Brito
Presidente


João Paulo de Oliveira
Secretário



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



AUTÓGRAFO Nº 2.877, DE 07/06/2006.

LEI Nº _____, DE _____

(Projeto de Lei nº 11-L, de 02/05/2006, de autoria do Vereador Etelvino Nogueira - PSDB).

Dá denominação às vias públicas localizadas na Vila Darcy Penteadado, Distrito de Mailasqui.

O Prefeito da Estância Turística de São Roque,

Faço saber que a Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada “**Rua Anita Catarina Malfatti**”, a via pública conhecida como Rua 2, que tem início na Estrada dos Cannos e término à margem da ferrovia, conta com 700,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 2º Fica denominada “**Rua Tarsila do Amaral**”, a via pública conhecida como Rua 3, que tem início na “Rua Anita Catarina Malfatti” e término em propriedade particular, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 3º Fica denominada “**Rua Oswald de Andrade**”, a via pública conhecida como Caminho Existente, que tem início na “Rua Anita Catarina Malfatti” e término em propriedade particular, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 4º Fica denominada “**Rua Caio Prado Júnior**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteadado e término na “Rua Humberto de Mauro”, conta com 1.150,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Gabinete do Prefeito
Recebido em 12/06/06
Sub: *[Signature]*
Silvia Cristina Silva
Assistente de Gabinete

[Signature]



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Art. 5º Fica denominada “**Rua Renato Vianna**”, a via pública com início na Rua Delegado Orlando Fernandes e término na Estrada São João Novo, conta com 3.400,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 6º Fica denominada “**Rua Humberto de Mauro**”, a via pública com início no cruzamento da “Rua Caio Prado Júnior” e que vai à Estrada São João Novo, conta com 2.250,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 7º Fica denominada “**Rua Cora Coralina**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na portaria do Hotel Villa Rossa, conta com 300,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 8º Fica denominada “**Rua Luiz da Câmara Cascudo**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término na Rua Carlos Ghirardello, conta com 1.125,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 9º Fica denominada “**Rua Emiliano Di Cavalcanti**”, a via pública com início na Rua Carlos Ghirardello e término na Estrada Municipal Mário de Andrade, conta com 1.600,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 10. Fica denominada “**Rua Roberto Burle Marx**”, a via pública com início no cruzamento da “Rua Caio Prado Júnior” e “Rua Humberto de Mauro”, conta com 1.200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 11. Fica denominada “**Rua Candido Portinari**”, a via pública com início na Estrada Municipal Darcy Penteado e término em propriedade particular, conta com 200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 12. Fica denominada “**Rua Victor Brecheret**”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro” e término na “Estrada Juvenal Rocha”, conta com 1.200,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 13. Fica denominada “**Rua Rachel de Queiroz**”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro” e término num balão de retorno, no loteamento Sítio Mawassu, conta com 350,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.



Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque

Rua Padre Marçal, 30 – Centro – CEP 18130-100 – Caixa Postal 80 – CEP 18130-970
CNPJ/MF - 50.804.079/0001-81 – Fone: (11) 4784-8444 - Fax: (11) 4784-8447



Art. 14. Fica denominada “Rua Patrícia Galvão”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro”, próximo ao condomínio Mirante da Serra e término em uma propriedade particular, conta com 560,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 15. Fica denominada “Rua Heitor Villa-Lobos”, a via pública com início na “Rua Humberto de Mauro”, defronte ao início da Estrada São João Novo e término em propriedade particular, conta com 550,00 metros de comprimento e 14,00 metros de largura.

Art. 16. Faz parte da presente Lei cópia da planta e Certidão sob nº 32/2005 das vias públicas denominadas.

Art. 17. As despesas decorrentes com a execução desta Lei correrão por conta de dotação própria do orçamento vigente.

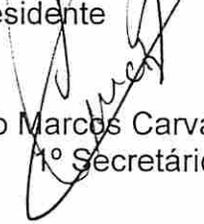
Art. 18. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal da Estância Turística de São Roque, 07 de junho de 2006.

Aprovado na 18ª Sessão Ordinária, de 06/06/2006.

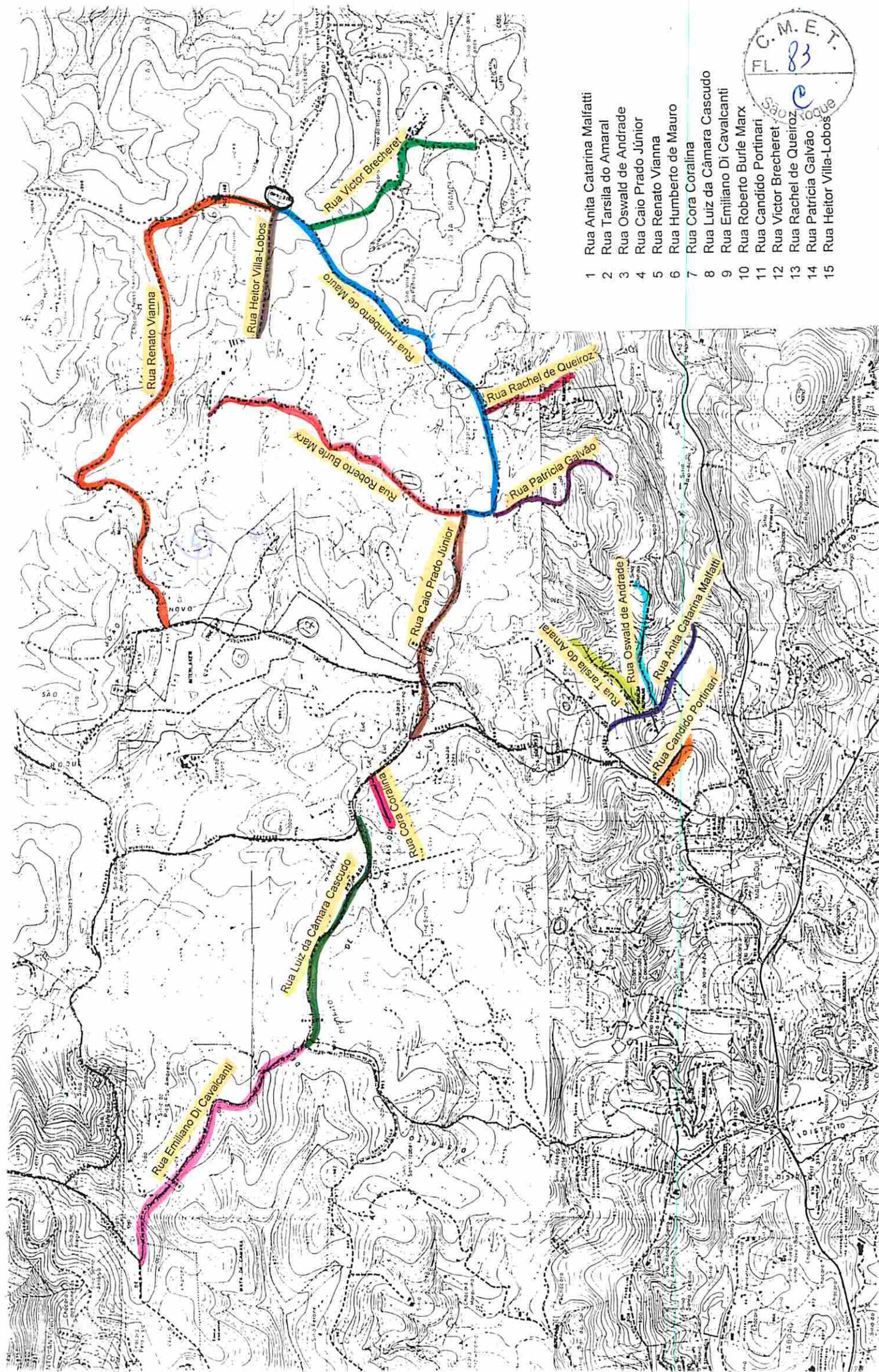

Etelvino Nogueira
Presidente


Raimundo Roberto Silva
Vice-Presidente


Antonio Marcos Carvalho de Brito
1º Secretário


José Antonio de Barros
2º Secretário

{mmo.



- 1 Rua Anita Catarina Malfatti
- 2 Rua Tarsila do Amaral
- 3 Rua Oswald de Andrade
- 4 Rua Caio Prado Júnior
- 5 Rua Renato Vianna
- 6 Rua Humberto de Mauro
- 7 Rua Cora Coralina
- 8 Rua Luiz da Câmara Cascudo
- 9 Rua Emiliano Di Cavalcanti
- 10 Rua Roberto Burle Marx
- 11 Rua Candido Portinari
- 12 Rua Rachel de Queiroz
- 13 Rua Patrícia Galvão
- 14 Rua Heitor Villa-Lobos
- 15 Rua Victor Brecheret



Publicado no jornal da Economia
n.º 372 fls. 69 dia 23 / 06 / 2006 @